

Segmento: PUCRS

20/05/2017 | Correio do Povo | Caderno de Sábado | 3

O mais longevo da grande geração de críticos

Meu primeiro contato com a obra de Antonio Candido se deu quando me preparava para o duplo vestibular que enfrentei: Letras, na Ufrgs, e Jornalismo, na PUCRS. Estive a ler “Tese e Antítese” e desde logo me apaixonei pelos ensaios “Da Vingança” (porque descobri que romances de aventuras, como “O Conde de Monte Cristo”, poderiam gerar excelentes reflexões) e “Os Bichos do Subterrâneo”, sobre Graciliano Ramos (mais tarde, já na faculdade, iria escrever um pequeno ensaio sobre a afazia na obra do autor de “Vidas Secas”). Mais adiante, deparei-me com “Formação da Literatura Brasileira”: dois fornidos volumes, que devorei, página a página.

Revedo-os (minha anotação em “Tese e Antítese” indica que comprei meu volume na Feira do Livro de Porto Alegre, em 1966), encontro textos amplamente anotados. Depois, foi a vez de “Literatura e Sociedade” (comprei-o em 1975! Eu gostava de comprar os livros que lia, para sempre tê-los comigo e poder consultá-los sempre que preciso). Também é um volume todo sublinhado e rabiscado nas margens. Em dezenas de ensaios que escrevi, desde então, dos mais ingênuos a alguns um pouco mais profundos e eventualmente argutos, sempre procurei seguir as lições do professor Antonio Candido. Sim, ele foi, para mim, como para muitas gerações de estudantes – que depois se tornaram professores de Literatura – um professor, mesmo que à distância. Na verdade, encontrei-me com Candido uma única vez, descobrindo-o com seu jeito quase britânico (lembra-me um pouco Antonio Callado): simpático, mas comedido, falando baixo, elegante, respeitoso, formal... com toda a certeza, mais timidez do que vaidade.

Foi em alguma atividade do Partido dos Trabalhadores, vinculada à Fundação Wilson Pinheiro, de que cheguei a ser diretor de publicações, editando seus primeiros volumes através de Roque Jacobi, na editora Mercado Aberto, de Porto Alegre. O volume sobre “Política cultural”, que tinha como organizadora Marilena Chauí, trazia também um texto de Candido. Retroativamente, fui lendo (e, evidentemente, comprando) “Os Parceiros de Rio Bonito”, “Teresina etc.”, “A Educação pela Noite e Outros Ensaios”, “Recortes”, e assim por diante. Aquela mesma maneira clara, objetiva, extremamente bem articulada com que ele falava, também aparecia em sua escrita. Os textos e análises interpretativas de Antonio Candido nunca deixam dúvidas em seu leitor: parece que ele as advinha e trata de antecipar-se às eventuais questões. Antonio Candido, na verdade, foi o introdutor de uma crítica ao mesmo tempo impressionista, mas também acadêmica, com bases científicas, como queria Afrânio Coutinho. Isso fica absolutamente evidente em “Formação da Literatura Brasileira”.

O conceito organizador de todo o extenso e aprofundado trabalho está clara e objetivamente expresso nas primeiras páginas da obra. Esta obra historiográfica logo se tornou modelo de outras, mas continua, ainda hoje, única. Nas primeiras décadas do século XX, a América Latina produziu estudiosos extraordinários da literatura continental. No Uruguai, Ángel Rama (1926-1983), autor, dentre outras tantas obras, de “Ruben Dario y el Modernismo” e “La Ciudad Letrada” – este, traduzido no Brasil como “A Cidade das Letras”. Aliás, Antonio Candido teve intensa e extensa colaboração com Rama, chegando a escrever, com humildade: “Considero Ángel Rama o maior crítico literário que a América Latina teve no meu tempo”. No Peru, Antonio Cornejo Polar (1936-1997), autor de “Los Universos Narrativos de José María Argüedas”. Conheci Antonio Cornejo em Havana, num momento em que integrei um júri da Casa de las Americas, e ouvi dele sua admiração por Antonio Candido. Polar foi o idealizador da Revista de Crítica Literária Latinoamericana”, que se publica ainda hoje, mesmo depois de sua morte.

Aliás, há um interessante artigo de Meritxell Hernando Marsal a respeito d’“A tradução cultural na literatura latinoamericana”, que explora justamente os diálogos críticos estabelecidos entre Ángel Rama, Cornejo Polar e Antonio Candido, publicado pela revista Fragmentos, da Universidade Federal de Santa Catarina. Em Cuba, foi Fernando Ortiz, o mais velho deles (1881-1969), não obstante ter convivido com todos os demais. No seu caso, ele estudou especialmente a transculturação e a miscigenação cultural de nosso continente. Todas as vezes em que tive a oportunidade de estar em La Habana, aproveitei para, naqueles vendedores de livros usados nas calçadas da Habana Vieja (sebos públicos, costume dizer), procurar seus livros. Hoje em dia, são raros, caros e disputados pelos

pesquisadores. Mas todo e qualquer estudioso que pretenda realmente pensar a América Latina, sua cultura e sua realidade – aí incluída a literatura – precisa passar pela obra destes quatro autores. Antonio Candido foi o mais longo de todos, para nossa alegria. Neste sentido, também foi aquele que teve mais tempo de escrever: chegou aos 98 anos de idade, com absoluta lucidez.

Seus ensinamentos, tenho certeza, atravessarão décadas: o método de análise sociológica da literatura, por ele desenvolvido e coerentemente aplicado, abriu caminhos para uma crítica séria, documentada, respeitosa para com o texto literário, antes de tudo. E foi revelando os autores e as contradições da realidade brasileira, ao longo destas longas décadas em que escreveu, lecionou e, sobretudo, ensinou. Porque Antonio Candido foi um mestre constante, quer quanto à prática da crítica cultural, em especial a literária, quer enquanto vida que refletia um pensamento e uma lógica. Antonio Candido deixou literalmente dezenas de discípulos e colegas que hoje se tornaram, também eles, nossos modelos e professores de crítica e interpretação literária, como Roberto Schwartz, Davi Arrigucci Jr., Walnice Nogueira Galvão, João Luiz Lafetá, Antonio Arnoni Prado e, sobretudo, José Aderaldo Castello, com quem assinou os três volumes de “Presença da Literatura Brasileira”, e que assim define aquela relação: “Eu tive a grande sorte do convívio e da colaboração do Antonio Candido na minha carreira, é o que posso dizer ”. * Escritor, crítico e professor

20/05/2017 | Diário de Santa Maria | Política | 10

Três querem ser reitor da UFSM

Três chapas se inscreveram para disputar o comando da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), uma das instituições de ensino público mais importantes do Estado. Na sexta-feira, encenou o prazo para candidaturas e a comissão encarregada pelo processo eleitoral confirmou a inscrição de três nomes (confira ao lado) para a eleição nos dias 27 e 28 de junho. Na segunda-feira, quando encerra o prazo para impugnações, a comissão deve homologar os concorrentes. Mesmo tendo declarado quando foi eleito, há quatro anos, que não disputaria a reeleição, o atual reitor, Paulo Burmann, é um dos inscritos.

Por sorteio, Burmann e seu vice, Luciano Schuch, ficaram com a chapa 1. O ex-vice-reitor na gestão passada Dalvan Reinert encabeça a chapa 2, que tem Pedro Brum Santos como vice. A chapa 3 é composta por Helenise Sangoi Antunes, que tem como vice Laura Regina da Fonseca. CONSULTA A escolha do reitor não é considerada oficialmente uma eleição, mas uma consulta a professores, servidores e estudantes. Isso porque a definição passa pelo crivo do governo federal. As universidades enviam listas com três nomes (lista tríplice), um deles escolhido por seu público interno, ao Ministério da Educação (MEC), que bate o martelo.

Apesar de passar pelo filtro do governo federal, os nomes indicados pelas urnas, na UFSM, sempre foram confirmados para o cargo. — Não é uma eleição porque quem escolhe é o MEC — diz o presidente da Comissão de Consulta para Indicação de Reitor e Vice-Reitor da UFSM, Jorge Luiz Alves. Pelo calendário eleitoral, a divulgação da chapa vencedora ocorrerá dia 4 de julho. Os candidatos terão praticamente um mês para apresentar suas propostas a um universo de 35 mil votantes, incluindo estudantes, professores e funcionários.

Mesmo com a homologação das candidaturas só na segunda-feira, a campanha para a Reitoria da UFSM já está liberada e os postulantes ao cargo podem pedir votos. Antes mesmo da inscrição das candidaturas, concorrentes já usavam as redes sociais para fazer propaganda. O novo comando da instituição assumirá em dezembro, quando se encerra a atual gestão. TAMANHO A UFSM tem 6 campi e 43 polos de ensino à distância, e orçamento anual de R\$ 1,1 bilhão, dois terços a mais em relação ao orçamento de Santa Maria, que é de R\$ 690 milhões.

Vice-reitora I Laura Regina da Silva Câmara Maurício da Fonseca — Doutora em Serviço Social pela PUCRS, coordena o Núcleo de Estudos em Gênero, Políticas Sociais e Movimentos Sociais do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCS). Nasceu no Rio de Janeiro e tem 55 anos.

20/05/2017 | Jornal NH | Comunidade | 4

Fórum incentiva empreendedores

Bom Princípio - Integrar e motivar os jovens do município a se qualificarem e empreenderem. Esse é o foco do 12 Fórum da Juventude, que ocorre hoje, das 8h30 às 16h30, no Centro Municipal de Cultura e Eventos de Bom Princípio. Com o tema Sonhos e Caminhos, a programação terá palestras com os temas Liderança, Ética e Propósito, Voluntariado e Carreira e Mercado de Trabalho. Isso além de depoimentos de jovens empreendedores do município. Os palestrantes serão o diretor da Fundação Napoleon Hill e da Master Min Treinamentos, Gustavo Bozetti; o professor da PUC/RS Draflon Gonzaga de Souza; a professora Soraa Schulel, da Unisinos, e os idealizados da Kombi do Bem, o médico Paulo Hialal e seu filho, Samuel Hialal. As inscrições custam 20 reais, com direito a almoço, lanches e kit de participação.

20/05/2017 | Zero Hora | DOC | 8

Fernando Collor, o queridinho da América

A PRIMEIRA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DIRETA DO BRASIL APÓS A DITADURA MILITAR FOI ACOMPANHADA COM ATENÇÃO PELO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS. É O QUE COMPROVA A PUBLICAÇÃO DE DIVERSOS RELATÓRIOS ELABORADOS POR DIPLOMATAS E AGENTES NORTE-AMERICANOS AO LONGO DE 1989 E RECENTEMENTE LIBERADOS PARA CONSULTA PÚBLICA NOS EUA. NOS TEXTOS, EMERGE UM FERNANDO COLLOR DE MELLO INICIALMENTE TRATADO COMO AZARÃO, DEPOIS COMO A ESPERANÇA AMERICANA PARA DERROTAR LULA E BRIZOLA

Preocupado com a hipótese de perder o Brasil como parceiro comercial e disposto a manter a influência política hegemônica na América do Sul, o governo dos Estados Unidos promoveu intensa atividade de observação e espionagem durante a primeira corrida presidencial brasileira pós-ditadura militar, em 1989, com a produção de dezenas de relatórios do Departamento de Estado para manter informado o governo do então presidente George H. Bush.

Documentos secretos do país, liberados à consulta pública em 2014, revelam como os norte-americanos se surpreenderam com a ascensão de Fernando Collor de Mello, adotando-o como candidato de sua preferência com a intenção de derrotar Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva. A embaixada dos EUA no Brasil, que não fazia ideia de quem era Collor, apostou em um levantamento completo da vida do político, incluindo aspectos pessoais e morais. Nos documentos, chegam a ser relatados supostos episódios de extorsão de empresários para formar um fundo destinado a campanhas políticas.

As correspondências sobre a campanha de 1989 envolveram o primeiro escalão de Washington. Em maio daquele ano, o então secretário de Estado, Lawrence Eagleburger, enviou documento à embaixada de Brasília pedindo mais informações sobre o candidato que venceria as eleições. “Por causa do crescente interesse em Collor, gostaria de obter uma análise mais aprofundada sobre ele e suas perspectivas na campanha presidencial. Questões como o papel que a TV irá desempenhar em seu sucesso ou fracasso e o tipo de acesso a que Collor terá na mídia seriam interessantes. Também, um esboço de suas posições nos principais temas de campanha seria útil. (...) Finalmente, algumas impressões pessoais sobre Collor nos ajudariam a obter uma melhor percepção sobre ele”, diz determinação enviada por Eagleburger, nome mais importante da política externa norte-americana à época, para a embaixada dos EUA em Brasília.

A resposta dos diplomatas no Brasil ao chefe Eagleburger não tardou: ainda em maio, seis meses antes do primeiro turno, o relatório destaca o despontar de um azarão sob o título A Dark Horse Comes to the Fore: Fernando Collor de Mello Leads in the Most Recent Election Polls (“Um azarão corre por fora: Fernando Collor de Mello lidera nas mais recentes pesquisas eleitorais”).

O então líder do modesto PRN ganhou a simpatia dos EUA quando ficou evidente que ele era alinhado à abertura do mercado brasileiro e ao neoliberalismo. Ante os discursos de Lula e Brizola, que bradavam a favor de estatizações e protecionismos comerciais, a retórica de Collor soava como música aos ouvidos do governo norte-americano. Era o período de queda do socialismo no Leste Europeu, o que potencializava a expansão dos mercados capitalistas. Uma relação de proximidade foi costurada nos meses seguintes, com subseqüentes encontros entre Leopoldo Collor, irmão do candidato e um dos seus coordenadores de campanha, e nomes fortes da embaixada e dos consulados americanos no Brasil – os relatórios são assinados pelos diplomatas Kunkel, Ferrer, Rowe (Leslie), Harrington (Anthony), Frechette, Melton (Richard), Shlaudeman (Harry) e Schwartz.

Em ao menos dois episódios, Leopoldo solicita ajuda para conseguir uma foto do irmão candidato com Bush e para lidar com setores

da Igreja durante a campanha. Tudo era reportado pelo Departamento de Estado, inclusive ideias acerca de política econômica para conter a inflação, derrubada de barreiras comerciais, enxugamento da máquina pública e privatizações.

Primeira eleição presidencial direta do Brasil em 29 anos, o pleito de 1989 é remontado pelos documentos obtidos por ZH. Os papéis, que não estão disponíveis em formato virtual, foram coletados na biblioteca do Congresso, em Washington, pelo professor Waldemar Dalenogare Neto, doutorando em História na PUCRS e especialista em assuntos relacionados aos EUA.

– Sem dúvida, esses documentos representam a cobertura mais ampla que os EUA fizeram de uma eleição na América Latina durante a Guerra Fria. Para eles, Collor se tornou um nome interessante, capaz de impor medidas neoliberais – avalia Dalenogare.

Collor viraria o preferido da Casa Branca.

O “AZARÃO” AOS OLHOS DOS EUA

Reportado o surgimento do “azarão”, os Estados Unidos enviaram um cônsul a Alagoas para fazer um levantamento completo da trajetória do político. A Casa Branca sabia tudo sobre Brizola e Lula, também tinha informações abundantes a respeito de Mário Covas e Paulo Maluf, outros dois fortes concorrentes, mas desconhecia completamente Collor, apesar de a candidatura dele ter apresentado fortalecimento desde o final de 1988.

Em Alagoas, que fora governado por Collor até maio de 1989, o cônsul participou de reuniões nas quais conversou com políticos, empresários, amigos e inimigos do então presidenciável. Também questionou aleatoriamente trabalhadores nas ruas de Maceió. Uma prospecção que expôs as contradições do candidato, que se apresentava como “anti-establishment” quando, na verdade, poderia ser considerado parte deste.

“O quadro de Collor que emergiu desses encontros é o de um político solitário, ambicioso, inteligente, não cooperativo, que quase destruiu o Estado em sua campanha para ser presidente. Em contraste com esse retrato pintado por líderes estaduais, tudo indica que muitos cidadãos comuns de Alagoas veem Collor como um Robin Hood, lutando contra o impopular presidente José Sarney e as poderosas elites locais. E eles irão votar nele para presidente”, diz trecho do documento do Departamento de Estado intitulado Fernando Collor de Mello no Front Doméstico, de maio de 1989.

Logo na primeira incursão, os EUA descobriram as duas faces do candidato: uma negativa, sustentada por lideranças e empresários regionais, e outra positiva, bancada por uma população encantada pelo “caçador de marajás”, alcunha atribuída a Collor pelo discurso de combate aos privilégios e altos salários de funcionários públicos.

No documento seguinte, de junho daquele ano, o Departamento de Estado especula que Collor poderia ter dificuldade para sustentar até o final da campanha a sua popularidade pela aparição de incoerências entre discurso e prática, como no caso dos marajás. “Como prefeito (de Alagoas): em seu último dia no governo, nomeou uns 5 mil ou 6 mil indivíduos à folha de pagamento. Collor diz que foi um erro; que alguém anexou uma longa lista de nomes aos 16 indivíduos que ele tinha realmente nomeado”, descreve trecho de Um Outro Olhar sobre Collor, de 37 páginas.

Os documentos ainda listam riscos à imagem do candidato em decorrência de atos como deputado federal e governador: “Corrupção. Os críticos de Collor afirmam que a renda dos marajás cresceu, não diminuiu sob Collor. (...) Acusações menores de peculato surgem: uma compra não autorizada de cerca de cem veículos e um ‘fundo secreto’ do orçamento do Estado usado para gastos com campanha pessoal”, diz o mesmo documento.

Um episódio de suposto desvio de conduta foi relatado por um empresário que teria sido assediado para antecipar o pagamento de tributos: “O cônsul também visitou a Salgema, uma grande empresa química em Alagoas. Lá, o diretor José Acioli afirmou que Collor tinha sido um desastre. (...) Como exemplo, disse que Collor havia solicitado o pagamento de impostos estaduais duas semanas antes da data de vencimento, o que custou à empresa uma grande quantia em dinheiro. (...) Em 1988, Collor também exigiu que Salgema pagasse impostos estaduais com 10 meses de antecedência. (...) Collor precisava de dinheiro na época para financiar a campanha de seu candidato a prefeito, Renan Calheiros, bem como para pagar os salários do Estado”, registrou o Departamento de Estado.

A Salgema se recusou, diz o relatório, a fazer o segundo adiantamento de impostos. Collor teria, então, sugerido que a companhia

remettesse o dinheiro e, depois, alegasse um erro de digitação responsável por incluir um zero a mais no valor a ser recolhido. A empresa disse não ter aceitado a trama por entender que levaria “meses para receber os fundos e, provavelmente, apenas por ação judicial”. Aliado de Collor à época, Renan concorreu à prefeitura de Maceió em 1988, mas não se elegeu.

– O curioso é que os americanos estavam informados sobre as denúncias de corrupção em Alagoas, mas mesmo assim apoiaram o Collor, porque do outro lado havia Brizola e Lula. O empresariado pensou da mesma maneira: mais vale um aventureiro do que Brizola e Lula – analisa o jornalista Mario Sergio Conti, apresentador da GloboNews, colunista da Folha de S. Paulo e autor do livro Notícias do Planalto, que abordou a relação da imprensa com o governo Collor.

Conti destaca que a apresentação de um programa de abertura econômica e a modernização do Brasil era a ideia original do então líder do PRN – algo que não pode ser atribuído a uma influência norte-americana.

Os documentos do Departamento de Estado, avalia Waldemar Dalenogare Neto, historiador especializado em política dos EUA, não deixam explícito se houve qualquer ação efetiva do governo de George H. Bush para ajudar Collor ou se a relação foi restrita à simpatia programática.

– Collor era moldado para ser o candidato dos EUA, mas, se houve interferência de fato, não é possível afirmar. Há coisas que ficaram nas entrelinhas, outras que não chegaram a ser registradas. Trata-se de algo que ainda precisa ser investigado – diz Dalenogare.

Para Marco Antonio Villa, historiador, colunista de O Globo e autor de Collor Presidente, a intervenção americana na eleição brasileira de 1989 foi “nula”:

– Seria exagerado dizer que Collor se tornou o candidato dos EUA. Ele interpretou o sentimento de grande parcela da população. Colocou no governo Sarney o carimbo de corrupto, entendeu o fenômeno da globalização e a conjuntura econômica internacional. A modernização do Brasil, a concorrência na indústria, a reestruturação do Estado são todos produtos do governo Collor. Ele teve defeitos, é uma pessoa problemática, porém, os postulados econômicos defendidos na época estavam certos.

Villa, hoje feroz crítico de Lula, Dilma e o PT, destaca a agudeza da crise ao afirmar que a inflação “bateu em 84% apenas em uma quinzena de março de 1990”, quando o primeiro presidente eleito pós-ditadura assumiu. O frustrado plano de controle inflacionário e o congelamento da poupança – um trauma para o país – foram importantes para a derrocada de Collor, aliados às denúncias de corrupção que levaram ao impeachment de 1992.

As constatações dos EUA ainda trazem questionamentos sobre o fato de o então candidato se apresentar como anti-establishment, mas ser apoiado na campanha por líderes poderosos e oligárquicos abonados. “Collor tem o apoio de ricos empresários (...). Outro amigo é o magnata Paulo Octavio, do Brasília Real State Construction, que supostamente está fornecendo capital para a campanha; e o empresário de Brasília Luis Estevão de Oliveira, que forneceu a sede da campanha de Collor. (...) Ouvimos também que a rica família Monteiro de Carvalho, da primeira esposa de Collor, está arrecadando fundos para a campanha”, reporta o cônsul à Casa Branca. O ex-senador de Alagoas e empresário João Lyra também é citado como um financiador.

Após o trabalho de campo, os norte-americanos interpretaram que o candidato não era o “antissistema” que declarava ser. “A família de Collor domina a TV, o rádio e a mídia impressa em Alagoas. O irmão de Collor, Leopoldo, foi diretor regional da TV Globo em São Paulo. A relação para os adversários é que Collor não é anti-establishment, mas simplesmente o novo rosto que o antigo establishment está usando para minar progressistas como Lula, Brizola e Covas”, diz o relatório.

Para Villa, ao menos no aspecto político, Collor pode ser considerado anti-establishment por ter governado “sem baixar a cabeça para o Congresso”. A falta de apoio parlamentar acabou sendo mais um dos fatores da sua queda.

DESEJO DE SE ENCONTRAR COM GEORGE H. BUSH

Em junho de 1989, Collor estava preocupado em construir sua imagem no Exterior. Havia visitado vários países europeus, tendo se encontrado com o papa João Paulo II no Vaticano, o chanceler alemão Helmut Kohl e a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher. Mas ele queria ir aos EUA. “Não há nada que ele gostaria mais para coroar suas viagens do que uma visita bem-sucedida aos EUA”, diz o documento Visita de Collor aos EUA, com data de agosto de 1989.

A viagem seria entre 5 e 12 de setembro, dois meses antes do primeiro turno. Com o candidato do PRN crescendo nas pesquisas, diplomatas norte-americanos recomendaram ao Departamento de Estado que abrisse espaço na agenda de altos funcionários da Casa Branca para receber Collor: “Correspondências recomendam que o candidato presidencial principal Fernando Collor de Mello (...) seja recebido pelo vice-presidente”, diz o texto. Em 3 de agosto, o próprio Collor teria dito a um encarregado americano estar “muito interessado em encontros de alto nível, inclusive com o presidente” George H. Bush. Esse desejo era mais difícil de satisfazer. O funcionário americano explicou a Collor que Bush não se encontrava com candidatos, mas que recomendaria outros nomes do primeiro escalão: o secretário de Estado Lawrence Eagleburger, o secretário do Tesouro Nicholas Brady, a chefe da agência de comércio Carla Hills, o conselheiro de Segurança Nacional Brent Scowcroft, o secretário de Comércio Robert Mosbacher e congressistas de áreas como comércio exterior, dívida externa e questões ambientais. A embaixada também recomendou uma audiência com o vice-presidente Dan Quayle: “Essa reunião iria enviar a mensagem de que nós o levamos a sério”, diz o documento de agosto de 1989.

O Departamento de Estado recomendou ainda que todos os contatos para a organização de reuniões fossem tratados informalmente, à margem do Itamaraty e da embaixada brasileira, “a fim de evitar vazamentos com potencial mal-estar”.

Collor teria ficado satisfeito com os nomes de alto escalão, mas acabaria por não viajar aos EUA durante a campanha. Mesmo à distância, as promessas do então candidato seguiram seduzindo os observadores norte-americanos, em especial sua defesa de uma economia de livre-mercado. Segundo Dalenogare Neto, o interesse da potência do Norte na América Latina tinha como objetivo manter a hegemonia no continente e, além de monitorar eventuais ameaças, leia-se Lula e Brizola, evitar a abertura de uma brecha para o comunismo. Nesse contexto, justifica-se o entusiasmo norte-americano com o “azarão” alagoano, confirmado após os encontros dos Poloff (“political officer”, ou funcionário da diplomacia não identificado, conforme os documentos) com Leopoldo Collor.

Em um café da manhã na casa de Leopoldo em São Paulo, em 28 de setembro de 1989, os diplomatas contam que o então conselheiro econômico de Brizola, Cesar Maia, poderia eventualmente se juntar a Collor: “Tenho a intenção de chamá-lo”, considerou Leopoldo, segundo documento enviado ao Departamento de Estado. Leopoldo repetiu que, uma vez no Planalto, seu irmão não teria dificuldade em “atrair os melhores e mais brilhantes (nomes) para o seu gabinete, independentemente de ideologias”. O irmão de Collor projetava a equipe ministerial: “Por que não contar com José Serra ou Fernando Henrique Cardoso?”, questiona Leopoldo, conforme os registros (nenhum dos dois assumiu). E assinala a frase que faria os EUA observarem ainda mais de perto a candidatura do irmão: “Collor quer construir uma forte relação com os EUA”. Leopoldo explicou ainda que, quando seu irmão assumisse, o Congresso seria “relativamente fraco e maleável”.

As relações entre representantes do governo americano e Leopoldo se aprofundaram passado o primeiro turno, em 15 de novembro de 1989. Em 24 de novembro, o irmão detalha a estratégia do confronto com Luiz Inácio Lula da Silva ao cônsul-geral dos EUA em São Paulo e a outro funcionário, descrito apenas como Poloff, em encontro na sede do PRN em São Paulo: “Ele (Collor) não vai atacar Lula pessoalmente, a menos que seja atacado primeiro. Collor centrará suas atenções no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e em São Paulo”, informa o trecho. “Collor acredita que os eleitores no Rio Grande do Sul, que são essencialmente conservadores, podem estar dispostos a votar em Collor”, prossegue o relatório. Lula acabou ganhando o segundo turno no Estado.

Conforme documento de nove páginas, Leopoldo prometeu aos norte-americanos que “um dos primeiros atos de Collor como presidente será propor uma emenda constitucional para dar a si próprio mais poder para combater a inflação e reformar a economia”. Em um longo relatório, a partir da conversa de uma hora de duração, são descritas estratégias como não propagandear o apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp): “Ele já sabe que pode contar com os votos na Fiesp, e o apoio público pode ser contra produtivo”, afirma o documento. Leopoldo descreve ter enviado uma mensagem ao presidente da entidade, Mario Amato, sugerindo que parasse de dar declarações sobre a eleição – Amato havia dito que 800 mil empresários poderiam deixar o Brasil se Lula vencesse. “Amato ficou ofendido com seu pedido”, relata Leopoldo, segundo o documento.

O irmão de Collor também estava preocupado com a ala progressista da Igreja Católica, tradicionalmente de esquerda. “O que vocês podem fazer sobre a Igreja?”, perguntou Leopoldo aos funcionários norte-americanos, segundo um documento de novembro de 1989.

– Os fatos são muito relevantes. Mostram como Leopoldo abriu o jogo da campanha para interessados de outro governo e como a equipe de Collor consolidou uma relação com os Estados Unidos – avalia Dalenogare.

Mario Sergio Conti, no entanto, acredita que Leopoldo Collor não foi importante nas eleições:

– Leopoldo não era pessoa central na campanha. Central era o próprio Collor: ele tinha o controle. As pessoas foram se agregando. Tinha o PC Farias, o próprio Renan Calheiros, o Cláudio Humberto.

Segundo fontes próximas à campanha, Collor tinha admiração por Leopoldo. Era uma referência como irmão mais velho. Eles viveram muito tempo juntos em Brasília, com os pais um tanto ausentes. Mas, ao mesmo tempo, havia uma rivalidade entre os dois. Leopoldo morreu rompido com o mano.

Marco Antonio Villa minimiza o interesse dos EUA pelo Brasil:

– A preocupação do Departamento de Estado não era com a América Latina, mas com o momento em que estava caindo o socialismo real, caindo o Muro de Berlim e terminando a União Soviética. Eles poderiam ter preocupação com uma vitória da esquerda, sim. Mas, sobretudo, estavam preocupados com Brizola, que era mais orgânico e de confronto, apesar de o Brizola de 1989 já estar mais moderado depois de ter recebido exílio nos Estados Unidos durante o governo Jimmy Carter.

O FUTURO EM SUSPENSE

Mal acabara o segundo turno, e o Departamento de Estado produziu, a partir de suas bases diplomáticas brasileiras, um relatório sobre os “vencedores e perdedores” da disputa. Há euforia com o triunfo de Collor registrado no documento de 17 de dezembro de 1989.

“Fernando Collor de Mello, com 40 anos, entrará no cenário mundial como o garoto maravilha que veio do desconhecido para vencer a primeira eleição direta para presidente do Brasil em 29 anos. Enquanto um Collor derrotado poderia muito bem tê-lo apagado na história, Lula é um vencedor mesmo perdendo. Seu Partido dos Trabalhadores liderou uma campanha animada que chegou perto de derrotar Collor”, registra trecho do documento de 12 páginas.

O texto ainda cita as acusações da campanha de Lula a TV Globo pela edição do debate entre os dois candidatos, na semana da votação. No trecho final, são abordados os “interesses econômicos” dos EUA. Descartando o futuro, os americanos revelavam cobiça pelo mercado de tecnologia do Brasil: “Deve Collor cumprir sua promessa de encerrar a reserva do mercado de informática. (...) Os consumidores brasileiros, universitários e técnicos serão os vencedores (estendendo-se aos norte-americanos e outros exportadores estrangeiros); empresas de computadores brasileiras protegidas e ineficientes, em especial a burocracia da Secretaria para Informática e contrabandistas, serão os perdedores”.

Menos de dois anos depois, em 23 de outubro de 1991, Collor sancionou a lei 8.248, que tratava da “competitividade do setor de informática e automação”, abrindo o mercado a investimentos e produtos estrangeiros. Foi um dos legados de seu governo, historicamente esquecido em meio à memória daqueles anos que remetem à corrupção e à personalidade do jovem presidente.

– A Lei de Informática mudou o patamar de produção de equipamentos no país. Ela beneficiava as empresas que produzissem hardware no Brasil, inclusive as estrangeiras que se instalassem aqui, com menor cobrança de impostos. E essa arrecadação deveria ser reinvestida em pesquisa e inovação. Isso fez com que a formação de recursos humanos na área da computação deslanchasse. Hoje nossos programas de pós-graduação competem com os principais mercados do mundo – afirma Avelino Zorzo, professor de pós-graduação do curso de Ciência da Computação da PUCRS.

Na época das mudanças, os principais produtos da indústria da informática eram os microcomputadores e os aparelhos de telecomunicações. Com a abertura promovida por Collor, o país se aproximou da velocidade da inovação. Os computadores de mesa começaram a chegar ao consumidor com mais agilidade e menor preço. E as empresas norte-americanas foram parte desse processo, justificando parte do interesse do seu governo nas ações de Collor.

Embora o tom de euforia com o novo tempo que se inaugurava no Brasil, o relatório enviado após as eleições contém um registro de ares proféticos sobre o que estava por vir: “Collor e seus aliados não são vencedores sozinhos dessa eleição. Acreditamos que o povo

brasileiro e os EUA também ganharam. Mas Collor agora tem o poder de desapontar. Resta saber se ele está à altura de liderar uma nação tão complexa e conturbada”.

Na Rio-92, grande vitrine internacional do governo Collor, a CIA mostrou-se uma observadora perspicaz. Semanas antes da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que reuniu representantes de 108 nações entre 3 a 14 de junho de 1992, a agência produziu um documento de 15 páginas intitulado Perspectivas sobre o Presidente Collor na Véspera da Cúpula do Rio. Esse texto está disponível na internet, no sistema FOIA, da CIA. Traz uma avaliação do governo brasileiro no front interno: “Collor deverá continuar conquistando vitórias significativas na privatização de empresas públicas”. Também define como preocupante a relação do Planalto com o Congresso: “Há entre 40% e 45% de chance de o parlamento não aprovar as partes mais críticas do pacote legislativo neste ano”.

O conjunto de projetos era vital, na visão norte-americana, para derrubar a inflação, gerar crescimento econômico e conquistar apoio político. Funcionários dos EUA chegaram a prescrever uma espécie de cartilha a ser seguida pelo governo brasileiro, com a qual Collor “deve se comprometer para o sucesso de sua presidência”. Um item afirma que o Planalto precisa “conquistar apoio no Congresso dividido para garantir a passagem de emendas constitucionais e legislação complexa para cortar o grande déficit fiscal e empreender reformas estruturais e econômicas”.

O último ponto do texto chama a atenção por adentrar na vida privada do presidente. Segundo o documento, Collor “deve lidar com alegações de malversação contra altos funcionários do governo e corrupção pessoal – incluindo o uso de drogas”.

Em outro trecho, o documento antecipa o discurso que Collor adotaria em eventual encontro com George H. Bush. “Ele está convencido de que satisfaz a maior parte das questões que foram incômodas a Washington no início de seu mandato”. Os assessores antecipam que o brasileiro também pode reclamar de “falta de reciprocidade” norte-americana.

Collor assumira em março de 1990, empenhado em estabilizar e reestruturar a economia por meio de reformas que abraçassem o livre-mercado. Os EUA consideraram que o presidente obteve sucessos iniciais, eliminando barreiras comerciais, cortando a “inchada máquina pública” e lançando um “ambicioso programa de privatizações em setores como aço, petroquímicos, fertilizantes e transportes”. Mas falhou, na visão norte-americana, em seu objetivo de derrotar a inflação. Segundo o documento da CIA, em conversas com o presidente Bush e com altos funcionários dos EUA, “Collor e seus representantes oferecerão um catálogo de ações construtivas tomadas por seu governo em áreas como garantias nucleares, controles estratégicos de comércio, movimentos em direção à aderência às diretrizes do regime de controle de tecnologia de mísseis, a liberalização do comércio, a cooperação com os EUA no GATT (General Agreement on Tariffs and Trade, Acordo Geral de Tarifas e Comércio) e, em geral, posições construtivas em linha com as dos EUA”.

Antes de vir ao Brasil como palestrante na Rio-92, George H. Bush havia se encontrado com Collor em 1990, em Brasília, quando os dois falaram sobre a transferência de tecnologias e renegociação da dívida externa. Foi quando Collor conseguiu a tão desejada foto ao lado de Bush pela primeira vez.

Contraponto

O que diz a representação do governo dos Estados Unidos no Brasil:

ZH enviou os relatórios para o Consulado- geral dos EUA em São Paulo, que preferiu não se manifestar sobre o conteúdo. O consulado em Porto Alegre confirmou, em nota enviada à reportagem, que “os documentos são autênticos”.

O que diz Fernando Collor de Mello:

A assessoria do hoje senador Fernando Collor de Mello enviou a seguinte mensagem à reportagem: “O senador agradece a lembrança do nome dele para se pronunciar. No momento, lamentavelmente, não poderá atender”.

Presidente “louco”

No relatório Fernando Collor de Mello no Front Doméstico, um dos mais completos produzidos pelo Departamento de Estado sobre a eleição de 1989, o cônsul descreveu diálogos que teve com “amigos de Collor” em Maceió. Os nomes das pessoas não foram revelados (regra da diplomacia para não expor informantes a risco). Uma dessas fontes não moderou as palavras ao descrevê-lo: “Ela disse que Collor era louco e tinha sido terrível como governador de Alagoas, que tinha brigado com todos. Ela afirmou que Collor,

que nasceu no Rio de Janeiro, tinha vivido a maioria de sua vida fora de Alagoas e que só havia voltado para entrar na política”.

O relatório, assinado por Leslie Rowe, é finalizado com um comentário da diplomata: “Apesar do apoio do público em geral, os inimigos políticos de Collor – e até alguns amigos pessoais – criticaram sua imagem de defender ‘moralidade, austeridade e eficiência’, que, eles sustentam, nunca praticou como político estadual”.

Detalhe zh

Os documentos do Departamento de Estado revelados por ZH nesta reportagem foram liberados para consulta pública com a ordem executiva 13.526, de 2009, do ex-presidente Barack Obama. A norma trata da liberação de documentos secretos da diplomacia norte-americana. Segundo a legislação, todo papel que completou 25 anos da emissão pode ser levado a público.

Os relatórios escritos durante a campanha presidencial do Brasil de 1989 alcançaram os 25 anos em 2014, mas só são revelados agora. A norma ainda garante que o governo norte-americano, mesmo após a desclassificação, pode remover dos documentos trechos com informações e nomes de colaboradores que causem risco à integridade de pessoas e à segurança nacional. Nesses casos, o sigilo se estende por mais 25 anos.

Uma bomba em Passo Fundo

Em documento de setembro de 1989, o Departamento de Estado dos EUA reportou gafes cometidas pelos candidatos Paulo Maluf e Leonel Brizola na campanha presidencial (os relatórios falavam de vários candidatos, não apenas de Collor). “Falando em Belo Horizonte, Maluf disse: ‘Se está com vontade sexual, estupre, mas não mate’”, aponta o texto. Recheado de histórias pitorescas, o mesmo documento narra o atentado contra um comitê de Fernando Collor de Mello em Passo Fundo: “Uma bomba destruiu as janelas do escritório de campanha de Collor no município gaúcho.

Fontes na Polícia Federal indicaram que as circunstâncias são suspeitas. 1) A explosão fez o vidro quebrar de dentro para fora; 2) Ninguém registrou ocorrência na polícia; 3) A campanha de Collor recentemente retirou o seguro (algo não usual para esse tipo de espaço alugado) que protege o imóvel contra danos. A polícia não fez nenhuma descoberta oficial. Está lidando com a hipótese de que pessoas ligadas a Collor tenham bombardeado a própria sede”.

20/05/2017 | Zero Hora | Vida | 11

Agenda

CORRIDA CONTRA O DIABETES

A Corrida Para Vencer o Diabetes do Instituto da Criança com Diabetes (ICD) chega a sua 19ª edição em 28 de maio. O objetivo é captar recursos em benefício das mais de 3 mil crianças e adolescentes atendidos pelo ICD. A entidade trabalha há 13 anos para prevenir as complicações decorrentes da doença e já apresenta o índice de 92,5% de redução de internação hospitalar dos pacientes. Neste ano, a temática escolhida é Corra por uma Boa Causa. Para participar da prova é necessário comprar a camiseta da 18ª Corrida para Vencer o Diabetes, que custa R\$ 17. Quem quiser apenas contribuir com o ICD, sem correr, também pode adquiri-la. Elas estão disponíveis em diversas lojas Panvel e no site icdrs.org.br. Mais informações pelo telefone (51) 3341-2450.

PESQUISA SOBRE ESTÔMAGO

O Centro de Pesquisa Clínica do Hospital Ernesto Dornelles está selecionando pessoas com problemas de estômago (dor, queimação ou desconforto), para avaliar dois tipos de tratamentos para esses sintomas. Os participantes, entre 18 e 70 anos, devem ter realizado o exame de endoscopia nos últimos 12 meses. Interessados podem entrar em contato pelos telefones (51) 3217-8555 e (51) 99678-0859 ou pelo e-mail pesquisa.clinica@hed.com.br.

CÂNCER BUCAL

O câncer bucal é uma doença desconhecida da maioria dos brasileiros, apesar de bastante comum. Para reduzir os casos e promover a prevenção, o Conselho Regional de Odontologia (CRO/RS) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) realizam a campanha Maio Vermelho, coordenada pelo Comitê das Entidades de Classe da Odontologia (Ceco).

Profissionais de saúde bucal da Capital e do Interior estão recebendo gratuitamente pessoas em suas clínicas privadas para realização

de exames preventivos. Pacientes com suspeita de câncer são encaminhados para diagnóstico e tratamento. A lista dos profissionais que estão realizando os exames está disponível no site crors.org.br/Maio-Vermelho-2017. A ação vai até 31 de maio.

NÓDULO NA TIREOIDE

u O Hospital São Lucas da PUCRS realiza, em 24 de maio, a palestra Tenho um Nódulo na Tireoide. E agora?. O evento, aberto ao público, ocorre em alusão à Semana Internacional da Tireoide, com a presença da endocrinologista Marta Amaro Duval. A palestrante é formada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e integrante do Serviço de Endocrinologia do HSL, onde atua na assistência médica e como preceptora da residência em Endocrinologia. A atividade, promovida pelo Serviço de Endocrinologia, é coordenada pela médica Natália Sonego Fernandes e ocorre no Anfiteatro Irmão José Otão (Avenida Ipiranga, 6.690, Porto Alegre), das 13h30min às 15h30min.

CAMINHADA DA ADOÇÃO

u A ONG Elo – Organização de Apoio à Adoção realiza neste domingo a Segunda Caminhada da Adoção, que ocorre a partir das 14h30min, no Parque da Redenção, em Porto Alegre. A ação faz parte das atividades que acontecerão em todo o Brasil em comemoração ao Dia Nacional da Adoção, celebrado em 25 de maio. O objetivo é sensibilizar as pessoas para o ato de amor da adoção e pedir às autoridades competentes celeridade nos processos. Após a caminhada, será realizado um piquenique de confraternização, no qual serão arrecadados material escolar, produtos de higiene pessoal, roupas, sapatos e cobertores para instituições de acolhimento nas quais a ONG atua. Mais informações no site eloadocao.org.br ou pelo telefone (51) 99409-2240.

u Em 25 de maio, a Escola de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em parceria com a Fertilitat – Centro de Medicina Reprodutiva, promove palestra gratuita e aberta ao público com o médico espanhol Carlos Simón Vallés. O evento é voltado para estudantes, médicos, pesquisadores e cientistas da área da saúde e ocorre às 11h, no anfiteatro Irmão José Otão, no Hospital São Lucas (Avenida Ipiranga, 6.690, Porto Alegre). O tema será medicina reprodutiva e o uso de células-tronco em ginecologia. Não é necessário se inscrever.

20/05/2017 | Zero Hora | Notícias | 12

Presidente foi omissos, dizem juristas

JOESLEY BATISTA DEVERIA ter sido denunciado pelo presidente ao listar delitos cometidos em série, dizem especialistas

O presidente Michel Temer (PMDB) terá sérias dificuldades de escapar de uma condenação criminal. A opinião é unânime entre juristas de renome ouvidos por Zero Hora. Mesmo que alguns considerem que não eram tão explícitos como pareciam no início os diálogos travados pelo mandatário do Palácio do Planalto e o empresário Joesley Batista, bilionário dono dos frigoríficos JBS (que virou delator da Operação Lava-Jato), eles são graves, e a postura presidencial, omissa.

Joesley gravou o presidente quando conversaram sobre, basicamente, três assuntos. Um deles, a neutralização do ex-deputado Eduardo Cunha (PMDB), que está preso e ameaça falar de parceiros de corrupção. No segundo tema, o empresário se vangloria de ter conseguido dois juízes e um procurador da República que lhe dão informação sobre processos criminais a que responde. E o terceiro momento, quando Temer indica um político (o deputado federal Rodrigo Rocha Loures, do PMDB-PR) para intermediar negociações conduzidas por Joesley – e o parlamentar, dias depois, é flagrado saindo de uma reunião com uma mala de dinheiro.

QUEM SÃO OS ESPECIALISTAS OUVIDOS POR ZERO HORA

Zero Hora ouviu Mamede Said (penalista brasileiro, diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília), Cezar Bitencourt (criminalista gaúcho, professor de mestrado e doutorado da PUCRS, ex-diretor da Escola Superior do Ministério Público), Márlon Reis (juiz aposentado, um dos idealizadores da Lei da Ficha Limpa, hoje advogado no Maranhão) e Thiago Bottino (professor de Direito da Fundação Getúlio Vargas-Rio). Confira ao lado trechos dos principais diálogos gravados e a interpretação feita pelos especialistas.

CONTEXTO DA CONVERSA ENTRE TEMER E JOESLEY

O presidente da República recebe em seu palácio um megabilionário, investigado em cinco inquéritos de três operações (Carne Fraca, Greenfield e Lava-Jato) por pagamento de propina a autoridades, inclusive do partido no poder, o PMDB. O encontro não

ocorre em horário de trabalho, mas às 22h40min. Não há testemunhas. Tratam de tudo um pouco da política, especialmente como enfrentar adversários em comum e como silenciar outros. Combinam que a conversa deve se repetir em outras ocasiões, sempre tarde da noite, para evitar “diz que diz”. Quem detalha todo esse cenário, em delação premiada à Justiça, é o próprio interlocutor do presidente, o empresário Joesley Batista, do grupo JBS.

O encontro às escuras, no Palácio do Jaburu, rendeu uma investigação criminal contra Michel Temer e balança seu mandato.

SOBRE MESADA AO EX-DEPUTADO EDUARDO CUNHA

Eu, o que ia falar, assim, dentro do possível, eu fiz o máximo que deu ali, zerei tudo o que tinha de alguma pendência daqui para ali, zerou tudo, liquidou tudo. E ele foi firme em cima. Ele já tava lá, veio, cobrou, tal, tal, tal. Pronto. Acelerei o passo e tirei da fila. O único companheiro dele que está aqui, porque o Geddel sempre estava, Geddel andava sempre ali, mas o Geddel, com esse negócio, perdi o contato, eu não posso...

Joesley

É complicado...

Temer

E eu não posso encontrar ele.

Joesley

(Inaudível) não parecer obstrução de justiça.

Temer

Isso isso. O negócio dos vazamentos do telefone lá do Eduardo com Geddel volta e meia citava algo meio tangenciando a nós. Eu tô lá me defendendo. Como é que eu... O que eu mais ou menos me dei conta de fazer até agora? Eu to de bem com o Eduardo...

Joesley

Tem que manter isso, viu? (Inaudível)

Temer

Todo mês

Joesley

SOBRE A COMPRA DE DOIS JUÍZES E UM PROCURADOR DA REPÚBLICA

Joesley Batista fala a Temer sobre o procurador Ângelo Goulart Vilela, preso por dar informações privilegiadas ao empresário, e dois juízes sob investigação.

Tem os processos, eu to meio enrolado aqui.

Joesley

Mas você tá com os processos?

Temer

É investigado, eu não tenho ainda denúncia. Aqui, eu dei conta, de um lado, do juiz. Dá uma segurada. Do outro lado, um juiz substituto que é um cara que fica “hm”.

Joesley

Tá segurando os dois?

Temer

Tô segurando os dois.

Joesley

[inaudível]

Temer

Eu consegui um procurador dentro da força-tarefa que está também me dando informação. E eu lá, que estou para dar conta de trocar o procurador que está atrás de mim. Se eu der conta, tem o lado bom e o ruim. O lado bom é que dá uma esfriada até o outro chegar e tal. O lado ruim é que se vem um cara com cargo que não sei o que.. O que está me ajudando está bom, beleza. Agora tem um que está me investigando. Eu consegui colar um no grupo. Agora estou tentando trocar...

Joesley

SOBRE O DEPUTADO ROCHA LOURES E A MALA DE DINHEIRO

Conforme Joesley Batista, o presidente Michel Temer indicou o deputado Rodrigo Rocha Loures (PMDB-PR) para agir em nome de interesses do grupo JBS. Loures foi filmado posteriormente, pela Polícia Federal, recebendo uma mala de dinheiro das mãos de um emissário de Joesley.

Eu queria falar sobre isso, falar como é que é (...) vim falar contigo, qual a melhor maneira. Porque eu vinha falando através do Geddel. Eu não vou lhe incomodar, evidentemente, se não for algo assim...

Joesley

Sei.

Temer

Eu sei disso, por isso é que...

Joesley

[inaudível]

Temer

É o Rodrigo? Ah, então ótimo.

Joesley

Pode passar por meio dele. É da minha mais estrita confiança.

Temer

Eu prefiro combinar assim. Se for alguma coisa que eu precisar, e tal, eu falo com o Rodrigo. Se for algum assunto desse tipo, aí...

Joesley

O QUE DIZEM OS JURISTAS

MAMEDE SAID

Penalista e diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília

“Não é nada republicano o chefe da nação travar diálogo, no Palácio do Jaburu, com um homem investigado em vários inquéritos criminais.”

“Apesar de Temer não falar em dinheiro, ouvi passivamente a narrativa de apoio ‘mensal’ a Cunha, como se fosse algo trivial.”

“É a pior parte. Temer ouviu Joesley descrever, literalmente, a compra de um procurador e juízes. E não faz nada.”

“Homem de extrema confiança do presidente, indicado para lidar com Joesley, Rocha Loures usa o nome de Temer ao se apresentar ao emissário do empresário. E sai com uma mala de dinheiro. Vai ser difícil explicar isso no processo judicial. Para onde foi o dinheiro? O presidente sabia?”

CEZAR BITENCOURT

Criminalista, professor da PUCRS e ex-diretor da Escola Superior do MP

“Temer sofreu uma cilada, armada por alguém (Joesley) que será preso se não colaborar. Eu tenho uma obra sobre flagrante preparado (algo admissível) e sobre flagrante provocado (criminoso). Me parece um flagrante provocado, em que o presidente é induzido a ouvir relatos de crimes.”

“Temer se referiu genericamente, aprovou a ideia de manter a boa relação com o Cunha. Não fala em comprá-lo. Ele não pode ser condenado pelo que não fez, já que não determinou a compra do silêncio do preso.”

“Aí o Temer teria de ter agido. Ou repreendendo o interlocutor (Joesley), ou denunciando ele ao Ministério Público ou à polícia. Um cidadão comum até pode calar diante da suposta compra de magistrados. Uma autoridade, como o presidente, tem o dever de denunciar crimes.”

“É uma situação delicada. Não sabemos se o deputado cobrou em nome do Temer, mas o presidente o indicou como interlocutor.”

MÁRLON REIS

Juiz aposentado e advogado, um dos idealizadores da Lei da Ficha Limpa

“Toda a conversa é permeada de tráfico de influência. O empresário quer influenciar no Cade e na Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e pergunta se pode usar o nome de Temer. O presidente autoriza: ‘Diz que falou comigo’. Isso é muito grave, acaba com qualquer isenção.”

“É a parte mais fraca do diálogo. Temer fica quieto quando deveria ter manifestado espanto diante da confissão de mensalidade.”

“Temer compactua com um crime. Pode ser enquadrado em crime de responsabilidade.”

“O presidente nomeia como interlocutor um homem que, dias depois, atua como cobrador de propina. Temer incorre em associação criminosa, participa do crime.”

THIAGO BOTTINO

Professor de Direito da Fundação Getúlio Vargas-Rio

“Me parece que, de modo geral, houve prevaricação do presidente (omitir crimes do qual teve conhecimento).”

“Achei que o diálogo era mais forte. Não é a prova que se imaginava, mas pode gerar inquérito.”

“O presidente deveria ter falado que é crime, que iria chamar o procurador da República. Não apenas por uma questão moral, mas porque ele é uma autoridade pública. Ele prevaricou.”

“Ele é o emissário de Temer, mas não se pode afirmar que o presidente sabia da corrupção. Caso fique comprovado, é caso de organização criminosa.”

“Soubemos que fita foi editada e isso é gravíssimo”, diz Mariz

O advogado criminalista Antônio Cláudio Mariz de Oliveira disse ontem que o governo tem “informações seguras” sobre a

existência de adulterações e montagens no áudio da conversa entre o presidente Michel Temer e o empresário Joesley Batista, dono do frigorífico JBS.

Amigo do presidente há 40 anos, Mariz se reuniu com Temer na noite de quinta e na sexta-feira, em Brasília, e vai assumir sua defesa. Uma das estratégias jurídicas é pedir a perícia da gravação.

– Soubemos que a fita foi editada e isso é gravíssimo – afirmou Mariz. – É uma indignidade o que estão fazendo contra o presidente da República e contra o Brasil.

Na conversa com Temer no Palácio do Jaburu, em 7 de março, Joesley disse que estava “de bem” com o ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha (PMDB-RJ), preso pela Lava-Jato.

– Tem que manter isso, viu? – respondeu Temer.

Joesley acrescentou:

– Todo mês.

Parte do diálogo é inaudível.

Questionado se o “corte” de algum trecho da conversa teria sido feito pela Procuradoria-Geral da República, Mariz disse que jamais levantaria suspeitas sem provas.

– A perícia vai nos dar indícios tanto sobre a edição quanto sobre a autoria. Quando soubermos, não teremos escrúpulos em denunciar – declarou o advogado.

Mariz foi convidado na montagem do governo para ser ministro da Justiça, mas não chegou a assumir o cargo porque condenou, em entrevista, os “excessos dos operadores da Lava-Jato”. Com a saída de Alexandre de Moraes do comando da Justiça para ocupar uma cadeira no Supremo Tribunal Federal (STF), o criminalista voltou a ser sondado, mas recusou o convite. Temer também insistiu, sem sucesso, para que ele assumisse uma secretaria especial ligada à Presidência, que ficaria responsável por cuidar do sistema penitenciário.

Agora, o presidente será investigado no STF por suspeita de corrupção passiva, obstrução à investigação e participação em organização criminosa. O pedido de abertura de inquérito foi feito pela Procuradoria-Geral da República e autorizado pelo ministro Edson Fachin, contra Temer, o senador afastado Aécio Neves (PSDB-MG) e o deputado Rodrigo Rocha Loures (PMDB-PR). A defesa tenta desqualificar Joesley, sob o argumento de que o empresário se valeu de uma delação falsa com o único objetivo de obter benefícios para ele e sua companhia.

– A verdade começou a ser reposta. Há absoluta falta de seriedade nas acusações – insistiu Mariz.

Em seu despacho de abertura do inquérito, Fachin disse não haver ilegalidade nos áudios gravados por Joesley. Escreveu, ainda, que as conversas gravadas foram “ratificadas e elucidadas” pelo empresário ao Ministério Público.

– O despacho do ministro antecede a notícia que chegou ao governo, vinda de fontes fidedignas, de que a fita foi preparada – afirmou Mariz. – A gravação em si não é crime, mas não é isso que se está discutindo.

Propina da JBS foi distribuída até na presença de criança

O executivo da JBS Ricardo Saud foi surpreendido quando a irmã do doleiro Lúcio Funaro, Roberta Funaro, apareceu com uma criança de quatro anos no colo para buscar uma mala com R\$ 400 mil em dinheiro.

A situação deixou Saud constrangido, mas o mal-estar foi rapidamente desfeito, já que Roberta lidou com a questão de maneira natural, relatou o executivo em depoimento prestado em 10 de maio, na delação da JBS.

Roberta foi presa em São Paulo na última quinta-feira pela Operação Patmos.

O dinheiro era para comprar o silêncio de Funaro na cadeia. O ex- deputado Eduardo Cunha e o doleiro atuavam em conjunto e recebiam mesadas de R\$ 400 mil para não delatar as propinas da JBS.

No acordo de delação da JBS, os integrantes da empresa continuaram operando o esquema, porém monitorados pela Polícia Federal, nas chamadas “ações controladas”. O encontro de Saud com Roberta ocorreu em abril e foi gravado pela Polícia Federal.

– Por surpresa, ela foi buscar a mala com uma criança de quatro anos no colo. A criança tinha saído da escola... Aquilo foi um pouco constrangedor, mas a gente tinha feito acordo, não podia parar, nós demos sequência, preservando sempre a criança – relatou Saud.

Os três entraram num carro blindado da empresa. Roberta sentou na frente com a criança no colo. A mala estaria no chão do banco de trás. Saud guiou o veículo até um estacionamento próximo, onde um táxi esperava Roberta.

20/05/2017 | Zero Hora | DOC | 19

A noite da cultura

PORTO ALEGRE RECEBE NESTE SÁBADO A SEGUNDA EDIÇÃO DA NOITE DOS MUSEUS. DAS 19H À 0H, 10 INSTITUIÇÕES ESTARÃO ABERTAS À VISITAÇÃO, OFERECENDO DIVERSOS SHOWS MUSICAIS GRATUITOS. CONFIRA UM GUIA COMPLETO DAS ATRAÇÕES

Porto Alegre ficará mais iluminada na noite deste sábado. Pelo segundo ano consecutivo, a Noite dos Museus deve levar milhares de pessoas a alguns dos mais importantes espaços culturais da cidade em horário alternativo. Entre as 19h e a meia-noite, 10 instituições estarão com suas portas abertas para visita. Além da possibilidade de conferir as exposições que estão em cartaz nesses locais, haverá uma extensa programação musical ao vivo. Gratuita.

A iniciativa é inspirada na Longa Noite dos Museus, realizada há duas décadas em Berlim. Idealizador do evento em Porto Alegre, Rodrigo Nascimento trabalhou antes, em 2004, na produção de uma empreitada semelhante em Buenos Aires. No ano passado, o projeto contou com oito espaços abertos, que atraíram cerca de 16 mil pessoas.

– Acreditamos na ocupação cultural dos espaços públicos. A primeira edição nos deixou muito satisfeitos, mas também com uma grande responsabilidade – avalia Nascimento.

Em 2016, estavam no roteiro Margs, MACRS, Museu Joaquim Felizardo, Museu da UFRGS, Memorial do RS, Planetário, Pinacoteca Ruben Berta e Fundação Iberê Camargo. Além desses, neste sábado também estarão abertos o Instituto Goethe e o Museu Júlio de Castilhos.

– A primeira edição trouxe aos museus um público que não esperávamos. Havia muitas pessoas que estava vendo uma exposição pela primeira vez – lembra o artista Eduardo Haesbaert, coordenador do acervo da Fundação Iberê Camargo. – A Noite dos Museus nos trouxe por algumas horas tudo o que um museu gostaria de ter sempre: público.

Novidade deste ano, a curadoria do projeto agora conta com o músico Kledir Ramil, que trabalha ao lado do historiador e arqueólogo Francisco Marshall, colunista do DOC e já presente na primeira edição do evento. Kledir ajudou a selecionar uma programação musical com mais de 40 apresentações, com nomes como Bebeto Alves, Renato Borghetti, Ernesto Fagundes, Antonio Villeroy e Nani Medeiros.

Leia, a seguir, a lista completa de atrações.

Todos os museus da Noite dos Museus

Fundação Iberê Camargo

-O prédio de linhas curvas e caráter contemporâneo foi fundado em 2008. Neste momento, oferece as mostras No Drama (de acervo)

e Depois do Fim (sobre a relação do homem com o tempo e a natureza).

-Fica na Avenida Padre Cacique, 2.000, fone (51) 3247-8000. Site: iberecamargo.org.br. -Estacionamento: sob a Padre Cacique, com acesso pelo lado direito da pista. Linhas de lotação que vão até a Zona Sul param em frente ao prédio. É possível tomar ônibus a partir do Centro Histórico ou em frente ao Praia de Belas Shopping.

Museu de Arte do RS

Ado Malagoli – Margs

-Em um prédio erguido em 1913, o Margs tem um acervo de 3,6 mil obras de arte. Neste momento, está em cartaz a mostra Uma Possível História da Arte do Rio Grande do Sul: Plural[ismos] no Sul.

-Fica na Praça da Alfândega, s/nº, fone (51) 3227-2311. Site: margs.rs.gov.br.

-Não há estacionamento próprio, mas há edifícios-garagem na região na Avenida Mauá. As linhas de ônibus que passam nas proximidades são 188-Assunção, 397-Bonsucesso, 4933-Circular Jardim Ypu/Petrópolis, C3-Circular Urca, 376-Herdeiros, 360-Ipê, 4934-Jardim Ypu/Petrópolis, 394-Mapa, 492-Petrópolis/Sesc, 178-Praia de Belas e 349-São Caetano.

Museu da UFRGS

-Desde 1984, além de ser fonte de pesquisa, o museu apresenta exposições temáticas. Aproveite a visita para ver as mostras Paisagens da Memória: Cidade e Corpos em Movimento e Nós Podemos! A Mulher da Submissão à Subversão.

-Fica na Avenida Osvaldo Aranha, 277, Campus Central da UFRGS, fone (51) 3227-0882. Site: ufrgs.br/museu.

-Não há estacionamento. Pode-se chegar ao museu por meio de ônibus e lotações que atravessam a Osvaldo Aranha.

Museu Joaquim Felizardo

-Criado em 1979, reúne um acervo histórico de Porto Alegre, composto sobretudo por fotografias. O museu tem sede no Solar Lopo Gonçalves, uma edificação construída no século 19 com um grande pátio aos fundos. Estão em cartaz as mostras O Solar que Virou Museu, Transformações Urbanas: De Montauray a Loureiro e Porto Alegre: Luz e Cor.

-Fica na Rua João Alfredo, 582, fone (51) 3289-8275. Site: bit.ly/felizardo.

-Não há estacionamento no local. O ônibus C3-Circular Urca passa em frente ao museu.

Pinacoteca Ruben Berta

-Instituída em 1971, está sediada desde 2013 em um casarão do século 19. A exposição Espelho, de André Severo, está em cartaz até este domingo.

-Fica na Rua Duque de Caxias, 973, fones (51) 3224-6740 e 3289-8292. Site: bit.ly/ruberta.

-Não há estacionamento no local. As linhas de ônibus C3 e C1 passam em frente ao local.

Planetário Professor José Baptista Pereira – UFRGS

-Destino conhecido das excursões escolares, usualmente é aberto apenas aos domingos à tarde.

-Fica na Avenida Ipiranga, 2.000, fone (51) 3308-5384. Site: ufrgs.br/planetario.

-Há estacionamento gratuito, com acesso pela Ipiranga. De ônibus, pode-se chegar pelas linhas T1, T3, T6, 343-Campus/Ipiranga, 353-Ipiranga/PUC, 3973-Bonsucesso/via Ipiranga, 3943-Mapa/via Ipiranga e 3983-Pinheiro/via Ipiranga.

Memorial do Rio Grande do Sul

-Em 1996, o local foi criado em um dos prédios da coleção da Praça da Alfândega como centro de preservação da história do RS. Oferece a mostra Linha do Tempo do Rio Grande do Sul.

-Fica na Rua Sete de Setembro, 1.020, fone (51) 3227-0882. Site: bit.ly/memorialrs.

-Não há estacionamento. Os ônibus que passam pela Rua Siqueira Campos são os mais próximos. Linhas: 188-Assunção, 397-Bonsucesso, 4933-Circular Jardim Ypu/Petrópolis, C3-Circular Urca, 376-Herdeiros, 360-Ipê, 4934-Jardim Ypu/Petrópolis, 394-Mapa, 492-Petrópolis/Sesc, 178-Praia de Belas e 349-São Caetano.

Instituto Goethe

-A filial porto-alegrense do Goethe-Institut oferece programação cultural intensa, a exemplo da mostra Ponto de Partida, da artista Anico Herskovits.

-Fica na Rua 24 de Outubro, 112, fone (51) 2118-7800. Site: bit.ly/igoethe.

-Não há estacionamento próprio, mas a instituição tem convênio com dois estacionamentos próximos: o MZ Park (Rua Dr. Vale, 457) e o Posto Shell (24 de Outubro, 51). Ônibus: 510-Auxiliadora, T9 e 520-Triângulo/24 de Outubro.

Museu de Arte

Contemporânea – MACRS

-Criado há 25 anos, o MACRS tem sua sede (ainda provisória) localizada dentro da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), no Centro Histórico de Porto Alegre. Aproveite a visita para conferir as exposições Música de Passarinho, de Antônio Augusto Bueno, e Charrúa, do uruguaio Gustavo Tabares.

-No 6º andar da CCMQ (Rua dos Andradas, 736), fone (51) 3221-5900. Site: macrs.blogspot.com.br.

-Não há estacionamento no local, mas existem opções pagas no mesmo quarteirão. A linha de ônibus C1-Circular Centro e

C2-Circular Praça XV passam nas proximidades.

Museu Júlio de Castilhos

-A primeira instituição museológica do Estado foi idealizada em 1903, reunindo coleções de objetos e peças históricas. Neste momento, além da mostra de acervo permanente, há ainda em cartaz a exposição Casa de Correção.

-Fica na Rua Duque de Caxias, 1.205, Centro Histórico, fone (51) 3221-3959.

-Não há estacionamento próprio. Linhas que passem pela Igreja Matriz são próximas do museu, como a C1 – Circular Centro.

A programação musical

No Margs

-19h – Maracatu Trovão

-20h30min – Beбето Alves

-22h – Pedro Dom

-23h – Orquestra de Flautas Transversas do Instituto Popular de Arte-Educação (IPDAE)

No MACRS

-19h30min – CCOMA

-20h30min – Thiago Ramil

-22h – Felipe Zancanaro

-23h – Jam Session com Thiago Ramil e Felipe Zancanaro

Na Pinacoteca Ruben Berta

-19h30min – Choro das Gurias

-20h30min – Catarina Domenici e James Correa

-22h – João Carlos Maldonado

-23h – Jam Session com João Carlos Maldonado e Catarina Domenici

No Memorial do Rio Grande do Sul

-19h30min – Renato Borghetti, Renato Müller e Fábrica de Gaiteiros

-20h30min – Antonio Villeroy

-21h30min – Ernesto e Paulinho Fagundes

-23h – Conjunto Bluegrass Porto-Alegrense

No Museu Joaquim Felizardo

-19h30min – Floresta Aurora

-20h15min – Afro-Sul Odomode

-21h – Roda de Capoeira com Africanamente

-21h45min – Negra Jaque

-22h30min – Alabê Ôni

-23h – Roda de Samba com Mestre Paraquedas, Pâmela Amaro, Eduardo Moreira, Andressa Ferreira e convidados

No Planetário

-19h30min – Felipe Zancanaro

-21h – Orquestra de Brinquedos

-22h30min – Fernando Cordella e Marcio Cecconello

-23h30min – Kula Jazz

No Museu da UFRGS

-19h30min – Areal do Futuro

20h30min – Daniel Wolff e Christine Beard

-22h – Amauri Iablonovski & Michel Dorfman

-23h – Milene Aliverti

Na Fundação Iberê Camargo

-19h30min – Pedro Dom

-20h30min – Milene Aliverti

-22h – Zé Flávio Trio

-23h – Amauri Iablonovski & Michel Dorfman

No Museu Júlio de Castilhos

-19h30min – João Carlos Maldonado

-20h30min – Kula Jazz

-22h – Òsèètúrá Africa'njazz

-23h30min – CCOMA

No Instituto Goethe

-19h30min – Orquestra de Flautas Transversas do Instituto Popular de Arte-Educação (IPDAE)

-20h30min – Alabê Oni

-22h – Nani Medeiros

-23h – Daniel Wolff e Christine Beard

20/05/2017 | Zero Hora | Em dia | 25

Política, economia e recessão

Ely José de Mattos

Economista. Professor da Escola de Negócios da PUCRS

ely.mattos@pucrs.br

A delação da JBS que veio à tona na quarta-feira balançou muito mais do que apenas o coreto da política nacional. A arena econômica foi diretamente afetada – o que é óbvio em sociedades democráticas. Um dos argumentos mais replicados, neste contexto, é o de que foi interrompido o processo de saída do regime de recessão no qual estamos estacionados há algum tempo.

Números já divulgados, associados às projeções dos analistas, apontam o fim da recessão no primeiro trimestre deste ano – que, tecnicamente, significa a ocorrência de uma variação trimestral positiva no PIB. O mês de abril também registrou saldo positivo no emprego: mais contratações do que demissões. Além disso, a produção agrícola mostra números extraordinários. Tudo isso se configura, com certeza, como boas notícias.

No entanto, estes números não oferecem a segurança necessária, na minha opinião, para falarmos em uma saída mais consolidada do ambiente recessivo. São um alívio, é verdade. Mas, ainda não é confortável falar em reversão, de fato. A taxa de desemprego ainda é muito alta; o consumo das famílias continua deprimido (apesar do uso dos recursos do FGTS); e os salários do setor privado também não crescem significativamente. Além disso, ainda não foi restabelecida a capacidade de investimento, que é o motor do crescimento econômico.

Lamenta-se, agora, que o escândalo emergido deva atrapalhar a tramitação das reformas em curso (previdenciária e trabalhista). Ainda que necessárias, porém, não me parece que elas estivessem inquestionavelmente associadas, via expectativas, aos modestos números positivos destes últimos dias. Os números recentes têm explicações muito mais conjunturais do que de reação à melhoria no ambiente de investimento.

Os fatos que emergiram, somados a toda a operação em curso há tempos, demonstram o avanço de uma estrutura movimentada para combater a corrupção no país. Além da própria questão de Justiça, isso é extremamente benéfico para a sociedade e para a economia, pois cria as bases para maior estabilidade política no futuro. Neste contexto, creio ser relativamente menos profunda a lástima sobre uma potencial perda de oportunidade para as reformas. Até porque, para reformas desta envergadura, um ambiente político saudável é fundamental!

Ely José de Mattos escreve aos finais de semana, a cada 15 dias. Segunda-feira, Daniel R. Randon.

Segmento: Outras Universidades

20/05/2017 | A Tribuna | Geral | 7

Simpósio de Estudos Jurídicos terá palestra sobre a Operação Lava Jato

Douglas Fischer, procurador da República com atuação na principal operação da Justiça brasileira será o palestrante

Será realizado a partir de segunda-feira, 22, a 20ª edição do Simpósio de Estudos Jurídicos. O evento é organizado pelo curso de graduação em Direito da URI Santo Ângelo, em conjunto com a 17ª Mostra de Trabalhos Científicos e 17º Encontro de Egressos. As atividades acontecem no prédio 13 do campus, com oficinas realizadas no prédio 18.

A coordenação do Simpósio é da professora doutora Charlise Colet Gimenez, que destaca as diferentes temáticas do evento. Entre as palestras estão aspectos jurídicos e econômicos da arbitragem, compliance, operação LavaJato e crime organizado, direito penal e hermenêutica e o impacto da judicialização do SUS.

A 17ª Mostra de Trabalhos Científicos, que acontece juntamente na segunda, 22, e terça, 23, terá a apresentação de mais de 120 trabalhos. Estudantes do curso de Direito e de Psicologia da URI, Unijuí, Unicruz, Unisc, Ufsm, Fema, Ulbra, Feevale, Iesa e Unifra, e ainda Faculdades João Paulo II e Instituto Politécnico do Porto, de Portugal, apresentarão seus trabalhos.

O Simpósio tem carga de 30 horas e as inscrições podem ser realizadas até o dia 22, no site santoangelo.uri.br, mediante pagamento da taxa de R\$ 40.

LAVA JATO

O Simpósio será aberto na manhã de segunda-feira, 22, com palestra sobre Aspectos jurídicos e econômicos da arbitragem ministrada pelo professor da Unisinos, Luciano Benetti Timm. Na sequência, o advogado Renato Vieira Caovilla estará palestrando sobre Compliance: importa ou é simplesmente moda? A coordenadora será Thami Covatti Piaia.

Na parte da tarde será realizada a Mostra Regional de Trabalhos Científicos e à noite mais uma palestra, que vai tratar do tema do momento no País: Operação Lava Jato.

A palestra abordará a colaboração premiada e crime Organizado: técnicas de combate à corrupção no Brasil.

O palestrante será o procurador da República Douglas Fischer, que atuou na Coordenação do Grupo de Trabalho da Lava jato e outras ações importantes como o processo do mensalão. Ele atua no Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF4), mas continua auxiliando eventualmente no trabalho da Lava Jato. O debatedor será André Leonardo Copetti Santos e o coordenador o procurador da República Osmar Veronese.

Programação

TERÇA-FEIRA

Na terça-feira, 23, a programação marca para a manhã a palestra “Direito Penal e Hermenêutica”, com os juízes de Direito e professores da URI Santo Ângelo, Adalberto Narciso Hommerding e José Francisco Dias da Costa Lyra. O coordenador será Julio Cesar Maggio Stürmer. Na oportunidade também será realizado o lançamento do livro “Direito Penal e Hermenêutica”.

Na parte da tarde terá continuidade a Mostra Regional de Trabalhos Científicos. À noite serão duas palestras, a primeira sobre Judicialização da saúde: paradoxos e desafios do controle jurisdicional de políticas públicas, com a doutora Mônia Clarissa Hening Leal, vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Direito – Mestrado e Doutorado Unisc e a segunda sobre o tema: O impacto da judicialização da saúde no SUS e na saúde, com Roberto Canquerini da Silva vice-presidente do Conselho Regional de Farmácia do Rio Grande do Sul. A coordenação será de Angelita Maders.

QUARTA-FEIRA

Na manhã de quarta-feira, 24, será realizada a palestra: Soluções Extrajudiciais pelo Serviço Notarial, com Marcos Salomão, diretor do Colégio Registral do Rio Grande do Sul e coordenação de Marcos Zamberlan.

À tarde será reservada para oficinas de Análise e Interpretação Jurisprudencial; Português Jurídico e Escrita Acadêmica; Psicologia Aplicada ao Direito e Oratória e Expressão Corporal.

O encerramento da programação será à noite, com palestra sobre o tema: “Apac: a evolução do sistema penitenciário”, com Branca

20/05/2017 | Diário de Santa Maria | Educação | 22

Aberta a temporada dos vestibulares

Interessados em ingressar no Ensino Superior já podem se preparar para a maratona de inscrições para os processos seletivos das instituições de Ensino Superior de Santa Maria. Isso porque está aberta a temporada de vestibular de inverno (confira, ao lado, todas as informações sobre cada centro de ensino). O primeiro concurso é o da Faculdade Metodista de Santa Maria (Fames), em 27 de maio. Quem quiser uma vaga é bom se apressar, pois o período de inscrições encerra na próxima quinta-feira. Dia 4 de junho, a Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) abre as portas para o Vestibular de Inverno.

Os candidatos devem se inscrever até o dia 27 de maio. Neste ano, a instituição oferece, gratuitamente, cursos de capacitação online nas seguintes áreas: Introdução à EAD; Gerenciamento de Finanças Pessoais; Planejamento de Carreira; Marketing Pessoal e A Arte de Falar Bem. O Centro Universitário Franciscano (Unifra) aplica prova em 16 de junho. São 400 vagas distribuídas em nove cursos. A novidade fica por conta da oferta do curso superior de Tecnologia em Jogos Digitais, o único da região Centro do Estado. As inscrições seguem até 29 de maio. Logo depois, em 24 de junho, é a vez da Faculdade Integrada de Santa Maria (Fisma).

As inscrições vão até o 21 do mesmo mês. Neste ano, aos alunos matriculados terão direito a um seguro contra acidentes pessoais e uma assinatura digital do Diário de Santa Maria. No mesmo dia, a Faculdade de Direito de Santa Maria (Fadisma) realiza o concurso para quem quiser cursar Direito ou Ciências Contábeis. As inscrições começam nesta segunda-feira. Na Faculdade Palotina de Santa Maria (Fapas), a prova está marcada para o dia 10 de

20/05/2017 | Jornal NH | Comunidade | 5

Games levados a sério em evento na Feevale

Um seminário no qual o aluno tem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, trocar experiências e ter contato com quem atua diretamente no mercado de trabalho. Este é um dos objetivos do Gamepad 2017, que ocorreu ontem no Câmpus 2 da Universidade Feevale. Com recorde de inscrições, 158 acadêmicos do curso de Jogos Digitais tiveram um dia com diversas atividades, como workshops, palestras e apresentação de portfólios. Este ano, a novidade da 9ª edição do evento foi o Portfólios Revier, em que estudantes tiveram contato direto com representantes de empresas de desenvolvimento de jogos, mostrando suas criações e recebendo um retorno dos profissionais que hoje participam no ramo de criação de jogos.

'Acreditamos que é importante o networking entre o aluno, ainda na academia, com profissionais de mercado. Seis empresas participaram nesta edição', explica o coordenador do curso, João Mossmaim. Para o presidente da Associação de Desenvolvedores de Jogos Digitais do Rio Grande do Sul (Adjogos-RS), Ivan Sendas, este tipo de ação é fundamental. "A universidade ensina a produzir, porém ela ainda peca na parte de mercado. Então este tipo de seminário ajuda."

PARTICIPAÇÃO DOS ESTUDANTES

Estudante do primeiro semestre do curso de Jogos Digitais, Richaid Pierrô, da 21 anos, teve sua primeira experiência dentro do Gamepad este ano. "Agora eu enxergo a profissão com outros olhos, agrega muito, mesmo no começo do curso", conta. Já Mateus Nunes, 22, mesmo sendo aluno formado no curso, voltou à universidade para participar do seminário. "Quería apresentar meus trabalhos e criações para as empresas do Estado e aqui era uma oportunidade para isso. E também, com as palestras e oficinas, fico por dentro do que tem acontecido no meio do mercado e ensino de Jogos Digitais", explica o ex-aluno.

Por outro lado, alunos no último semestre do curso também criam expectativa com a participação no Portfólio Rewiew, caso do acadêmico do 7º semestre Juliano Pandilha, 20. "Empresas grandes participam do Gsmeped e alunos das outras adições já foram contratados por mostrarem seus trabalhos. Além de uma grande toca de experiência, é uma grande oportunidade", comenta.

Indústria puxa retomada do emprego

A indústria de transformação é a principal responsável pela retomada do emprego na região. Do saldo positivo de 5,2 mil vagas registrado nos quatro primeiros meses nos municípios da área de abrangência do Jornal NH, mais de 4,7 mil vagas correspondem ao setor. O desempenho do segmento em cidades como Novo Hamburgo e Sapiranga, inclusive, foi destaque no País. Na contramão está o comércio, com saldo negativo de 979 vagas.

Os dados foram divulgados pelo Cadastro Nacional de Empregados e Desempregados (Caged). Professora do curso de Administração da Universidade Feevale, a economista Lisiane Fonseca da Silva avalia que o bom desempenho da indústria de transformação na região está relacionado à exportação coureiro-calçadista. 'As exportações têm mantido certa regularidade quanto aos valores negociados ao longo deste ano, se comparado ao mesmo período do ano passado. E importante lembrar também que temos a mudança do clima e isto demanda o consumo de vestuário', pontua.

CAUTELA

Vice-presidente de Economia da Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo, Campo Bom e Estância Velha, Flavio Stein avalia os números com cautela. "Está muito cedo para, efetivamente, termos a tendência segura, ainda mais com o turbilhão que está o quadro político. Fevereiro foi positivo, março negativo e abril positivo. A economia tem uma grande influência da política, ainda mais no atual quadro brasileiro. Será que as reformas seguem com a possibilidade de implementação?", questiona.

SAPIRANGA SE DESTACA

Sapiranga foi a quarta cidade no Estado e a 25ª em todo o País no ranking do emprego. O saldo de 985 foi puxado pela indústria e o setor de serviços. Para a prefeita Cainha Molling, além da posição estratégica, às margens da RS-239, ligando a cidade à capital, Serra a Litoral, o que torna o município atrativo à instalação de empresas, a administração municipal tem se esforçado para ser um agente facilitador na expansão e instalação de novos empreendimentos. "A indústria de transformação historicamente sempre teve destaque na geração de empregos em nossa cidade, e sua importância nesta retomada do crescimento é imprescindível", observa a prefeita.

INDÚSTRIA FORTE É REFERÊNCIA

Novo Hamburgo também confina a realidade regional. A indústria da cidade teve o 27º melhor desempenho no País no período, com 731 vagas de saldo. Diretor do Trabalho da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedecj), Amilcar Jair Schmidt destaca que os dados apresentam saldos positivos quanto a serviços e indústria "Novo Hamburgo, atualmente, tem uma economia mista, de setores interligados", destaca. No entanto, apesar de a indústria da transformação contemplar uma série de segmentos, "sem dúvida, o calçado e a inteligência do setor continuam sendo um importante diferencial do Município".

NA CONTRAMÃO, O COMÉRCIO

Na contramão da indústria está o comércio, com saldo negativo de 979 vagas na região. Para o presidente do Sindicato do Comércio Varejista Novo Hamburgo (Sindilojas-NH), Remi Schefiler, o setor é sempre o último da cadeia produtiva a sentir os efeitos do mercado, sejam eles negativos ou positivos. "Tudo está relacionado ainda à crise financeira e econômica e este resultado no comércio se justifica. A economia começou a dar sinais de ascensão, mas um dos últimos segmentos que percebe isso é o comércio varejista." Diretor de marketing da CDL hamburguesa, Jorge Stoltel concorda. "Se a indústria demite, as pessoas param de comprar e quem sofre é o comércio. Agora, nossos lojistas já estão mais animados com a retomada de crédito dos clientes."

Volta dos trens novos segue só na promessa

São Leopoldo - A novela da liberação dos novos trens da Trensurb continua. Previstas para retornarem em operação hoje, conforme

acordado com o Ministério Público Federal (MPF), as composições não vão circular na data. De acordo com o procurador da República Celso Antunes Tres, o número de problemas nas composições vai muito além do imaginado originalmente. "Devido a estes fatores, não foi possível estabelecer uma nova data.

Serão necessários mais alguns dias para montar um novo cronograma de funcionamento." Atualmente, dos 15 trens da série 200, dez estão parados. Em reunião esta semana, a Trensurb informou que há previsão de que um trem retorne até o final desta semana e outras quatro unidades deverão passar por um processo de recuperação de motores de tração, com previsão de estarem em operação até o final de junho.

TROCA DE ESCADAS ROLANTES

Outro problema enfrentado pelos usuários do metrô são as escadas rolantes inoperantes. Esta semana, a empresa publicou edital no Diário Oficial da União (DOU) sobre aviso de licitação para a contratação de serviços de engenharia para a substituição de seis escadas rolantes nas estações São Leopoldo e Unisinus. Conforme comunicado divulgado pela empresa, quem for contratado fará projeto, montagem, instalação, garantas e assistência técnica, além da remoção das escadas inoperantes instaladas atualmente nos locais. As propostas serão recebidas no dia 20 de junho na empresa. O valor estimado para a execução dos trabalhos previstos na nova licitação é de R\$ 3,3 milhões. O prazo para a conclusão da instalação das escadas é de 10 meses a contar da emissão da ordem de início de serviço.

20/05/2017 | Zero Hora | DOC | 4

Pérolas dos porcos

O VETERINÁRIO HIRAN KUNERT MANTÉM EM CACHOEIRA DO SUL O MUSEU DO SUÍNO, COMPOSTO POR 30 MIL ITENS, ENTRE MINIATURAS, CARTAZES, BANDEIRAS, FILMES E OUTROS OBJETOS QUE EVIDENCIAM AS 1.001 UTILIDADES DO ANIMAL. TEM ATÉ UMA VERSÃO KAMA SUTRA

Posso trazer minha coleção de porquinhos?

A questão foi apresentada 15 anos atrás pelo veterinário Hiran Kunert, quando ele se mudou para Cachoeira do Sul, para a casa da nova mulher, Sandra Pfüller.

– Claro que sim. Vai lá e busca – aquiesceu ela.

Dias depois, Sandra tomou um susto ao ver um caminhão estacionar diante da residência e descarregar caixas e mais caixas abarrotadas, que lotaram um salão de 50 metros quadrados. Descobriu que havia casado com o maior colecionador de porquinhos do mundo.

Essa coleção, hoje composta por 7,8 mil miniaturas originárias de mais de cem países, bem como outras 22 mil peças relacionadas às múltiplas facetas do universo porcino, forma o acervo de uma das mais peculiares instituições culturais do nosso Estado – e, por que não dizer, do próprio país: o Museu do Suíno.

Por exemplo: um dia, de passagem por Paraí, no nordeste gaúcho, Hiran reparou que o brasão na bandeira do município ostentava bem ao centro, com todo o destaque, um rechonchudo leitão branco, de rabinho encaracolado. Foi o que bastou para que se lançasse a um frenético levantamento suíno-iconográfico nas flâmulas rio-grandenses. Examinou uma por uma as bandeiras de todos os 497 municípios. E descobriu algo que até então havia passado despercebido por 11 milhões de gaúchos: a existência de nada menos do que 74 cidades que acharam por bem estampar um porco em seu lábaro – o equivalente a 15% do total.

Ao custo de R\$ 75 a unidade, Hiran encomendou um exemplar de cada bandeira. Hoje, elas podem ser devidamente apreciadas no museu que ele montou em Cachoeira do Sul.

– A minha preferida é a de Cândido Godói. É a mais bonita. Tem o maior porco de todas – elogia o veterinário, que no momento faz levantamento similar nos estandartes de nossos vizinhos catarinenses.

Em espaço nobre entre as 30 mil peças espalhadas pelos 220 metros quadrados do museu, protegido por uma redoma de vidro, Hiran mantém o seu porquinho número 1 – o equivalente, para ele, à célebre primeira moedinha do Tio Patinhas. A peça em questão, descrita pelo proprietário como “a coisa mais lindinha”, é um porco de porcelana, com livros debaixo do braço e a inscrição “Made in Uruguay” na base. Foi presente de uma tia que viajou a Montevideu em 1975.

Na época, Hiran estava no segundo ano do curso de Veterinária da UFRGS e não tinha interesse pelo simpático mamífero da família dos suídeos. Pensava em trabalhar com gado de corte, inclusive. A reveladora luz desceu sobre ele na forma da disciplina de suinocultura, ministrada pelo professor Sérgio Nicolaiewsky – guru máximo, que hoje dá nome a uma das salas do museu. Naquele semestre, o jovem universitário caiu de amores pela gorducha espécie. Resolveu consagrar a vida a ela.

Hoje com 63 anos, Hiran orgulha-se de ter atrás de si uma trajetória de quatro décadas dedicadas à suinocultura – e à garimpagem de todo e qualquer objeto relacionado com o assunto. Ele confessa, aliás, que quase tudo o que ganhou com uma atividade, gastou na outra. No dia a dia, costuma vasculhar o recôndito de sites como o Mercado Livre, arrematando peças curiosas e antiguidades. Também mantém “olheiros” no Brasil e no Exterior – incluindo um sujeito que atua no Extremo Oriente, peneirando os bazares da Tailândia e de Hong Kong –, encarregados de aproveitar em seu nome as melhores oportunidades de compra.

Além disso, nas viagens de trabalho e lazer mundo afora, Hiran sempre dedicou tempo a fuçar o comércio local. Chegou a desenvolver a habilidade ímpar e quase sobrenatural de, diante de uma vitrine com centenas de bugigangas e quinquilharias, identificar instantaneamente o porquinho meio escondido em um canto. Mas loucura mesmo ele vivia na World Pork Expo, a descomunal feira de suínos realizada em Iowa (EUA), com mais de 500 expositores apenas no setor de artesanato.

Em uma dessas ocasiões na feira norte-americana, despendeu no evento cerca de US\$ 1,5 mil em miniaturas. Só parou a ganância quando o limite do cartão de crédito estourou:

– Eu era compulsivo. Sempre procurando, procurando. Estava na Alemanha, nos Estados Unidos, em qualquer lugar, sempre pensando em porquinho. Gastava muito. Agora estou mais controlado. As pessoas perguntam quanto gastei no museu, mas não me atrevo a dizer. Não quero nem pensar. Tem bastante dinheiro aqui. Afinal, são 40 anos. Não bebi, não fumei, nunca fiz nada de errado fora do casamento. A família veio sempre em primeiro lugar, mas quando sobrava um pila, eu botava aqui.

Só na reforma do imóvel que abriga o museu – um prédio doado pelo sogro, nos fundos da propriedade da família –, o veterinário investiu R\$ 100 mil. Dotou as salas de potentes aparelhos de ar-condicionado, constantemente em operação, para assegurar as condições de umidade e temperatura perfeitas para a conservação do tesouro. Grande parte do acervo permanece no interior de armários envidraçados, ao abrigo do pó. Antes de ocupar seu nicho, cada peça foi limpa laboriosamente, madrugadas adentro, pelas mãos de Sandra, num processo que se estendeu por meses. No museu, não há espaço para porquice.

No princípio, Sandra costumava reclamar dos exagerados gastos museológicos do marido, mas as longas noites de limpeza e cadastro do acervo serviram para que também se apaixonasse pelo mimoso animal dotado de saborosos lombos. Tornou-se uma estimuladora de novas aquisições. E aprendeu tanto sobre o bicho que, por vezes, serve como guia para os visitantes.

– A gente vai tendo histórias com os porquinhos, vai se apegando – justifica ela.

As visitas precisam ser agendadas, porque Hiran faz questão de se preparar e de estar disponível para explicar até o menor dos pormenores. Dependendo do interesse da pessoa, a incursão pelas cinco salas pode se estender por três, quatro horas.

O guia começa o périplo pela ala das miniaturas, pejada de porcos feitos de pelúcia, metal, vidro soprado, resina, sementes exóticas, pedras preciosas, palha de milho, porcelana, vime, tricô, cerâmica, argila, chifre de búfalo tailandês, pano, cristal Swarovsky, cristal de Murano, madeiras raras, madrepérola, giz de cera, ouro e até bombril. Há por ali cofrinhos, artigos de cozinha, cinzeiros, relógios, licoreiras, brincos, pingentes, instrumentos musicais, apetrechos para banheiro, chaveiros, brinquedos, material escolar, caixinhas de música, ímãs de geladeira e assim por diante. Nesse setor, a estante que faz mais sucesso é aquela dedicada ao que Hiran define como o “kama sutra suíno”. Trata-se de uma espetacular e fornida coleção de porcos e porcas em miniatura dedicados a levar a cabo grossa ribaldaria, em posições das mais sugestivas.

– Vieram uma velhinhas visitar o museu e enlouqueceram. Elas diziam: “Que saudade! Há quanto tempo não faço isso!” – relata

Hiran.

A escala seguinte é a sala sobre origem, evolução e domesticação da espécie. Ali, em lugar de honra, pende da parede uma foto margeada por passe-partout e emoldurada em negro, retratando um homem todo de branco, agachado junto a um porco. O indivíduo segura um prolongado bastão, de 30 ou 40 centímetros de comprimento, cuja extremidade oposta perde-se entre as pernas traseiras do animal.

Um olhar mais atento revela que o homem é o próprio Hiran. E, sim, o que ele tem em mãos é nada mais, nada menos, do que o impávido colosso do bem-dotado suíno. A imagem, de 1980, é uma reminiscência dos longos anos dedicados pelo veterinário à inseminação artificial, técnica da qual foi um dos pioneiros no Brasil. Ela documenta o momento em que ele pratica a nem sempre devidamente valorizada arte da coleta de sêmen.

Posicionado diante da foto, Hiran explica, com indisfarçável admiração, que os machos suínos são do tipo que perde estribeiras diante de uma fêmea jeitosa e que sabem aproveitar o momento.

– O suíno fica em orgasmo durante cinco minutos, o que é o sonho de todo homem. Em média, ejacula de 400 a 500ml. É um copo cheio – sublinha.

Na sequência, depois de exibir um crânio importado da Alemanha por R\$ 1,8 mil e de apresentar uma variedade de objetos de antanho garimpados em granjas Brasil afora (mossadores para marcar orelhas, canivetes de castração, desbastadores de dentes, alicates para corte da cauda), o veterinário dá continuidade à odisséia suinófila adentrando um recanto reservado ao tema do abate e da industrialização da carne. Pois o amor incondicional de Hiran pelo porco não exclui um amor também incondicional pelos quitutes culinários que ele é pródigo em proporcionar.

– Criamos o porco, mas o objetivo é abater. Gerar comida – diz o homem, sem rodeios.

Essa parte do museu enfoca não só o abate industrial, mas também as tradicionais e barulhentas matanças coloniais, o que dá azo à exposição de uma pletera de objetos capazes de despertar a nostalgia em muitos gaúchos criados, como se costuma dizer, para fora. Há vetustas embutidoras manuais para fazer linguiça, centenárias prensas de madeira para separar o torresmo da banha, ferramentas para matar, cortar carne e quebrar ossos, bem como lanhadas mesas ancestrais onde incalculáveis porcos foram esquartejados a fim de virar salame, pernil e costeletas.

Um canto especial, quase um santuário, é voltado ao ouro branco – em outras palavras, à banha. Porque uma coisa que se aprende no museu é que a história porcina pode ser dividida em duas: a era em que a banha valia ouro e a era em que a banha valia nada. Nos velhos tempos, as varas eram criadas para gerar o máximo possível de gordura, usada como óleo de fritura e principalmente como um meio de preservação de alimentos, insubstituível em uma época pré-geladeira e na qual a única coisa parecida com tomadas elétricas era mesmo o focinho do porco. Nesses anos heroicos, um naco de carne frita submerso em banha durava meses, fornecendo proteína para variadas refeições. Esse era o tempo em que se socava goela abaixo dos porcos todo tipo de – com o perdão da palavra – porcaria, para que eles ultrapassassem os 400 quilos, 50% dos quais formados de banha. Dessa era, Hiran exhibe barricas para acondicionar o valioso produto e incrementadas latas e embalagens de madeira onde ele era vendido.

– A banha era conhecida como ouro branco, porque quem tinha banha tinha dinheiro. Banha representava riqueza e prosperidade – ensina.

Vieram os anos 1960 e, com eles, o estrelato dos Beatles, dos Rolling Stones e do óleo de soja. Como aconteceu com velhos boleros, a banha passou a ser encarada com desprezo e suspeição. Começou a valer menos do que as embalagens em que era vendida. Foi quando a indústria viu-se forçada a reposicionar sua marca. Em lugar do porco-banha, começou a falar em suíno – uma espécie de porco-fitness. A carne tornou-se o foco.

É por causa disso que os espécimes criados hoje são esguios, são giseles-bundchens, se comparados com seus pais e avós. Eles vão para o abate com cem, 110 quilos, e nem 5% disso é gordura. Hiran vê essa mudança com algum azedume. Ele entende que a banha, além de proporcionar sabores mais apetecíveis, é melhor para a saúde do que os óleos vegetais:

– Fizeram tanto esse discurso de que a gordura faz mal, que acabaram tirando a gordura do animal. O lombo hoje é uma carne seca, sem sabor!

E então, mudando o tom de voz e assumindo um ar de confiança, fornece a dica de connoisseur:

– O melhor corte de carne suína hoje em dia é a nuca, que também chamam de sobrepaleta no supermercado. Não peguem o lombo! Peguem a nuca! Ela é a continuação do lombo, aquela parte que o italiano usa para fazer a copa. Uma carne bonita, com gordura entremeada. É dos deuses!

Com a migração de interesse da banha para a carne, o panorama nas granjas comerciais sofreu uma revolução. Hiran mandou fazer a maquete de uma delas, para mostrar que se trata de estabelecimentos impecáveis e esterilizados – os báculos são tão asseados, que é aos humanos que cabe tomar uma chuveirada na entrada, para não contaminar os animais. Apesar disso, para certa indignação do veterinário, os porcos continuam a ter sua imagem associada à imundície e a originar apenas substantivos, adjetivos, advérbios e verbos de sentido francamente pejorativo.

Hiran abriu as portas do museu justamente para lavar a honra desse vilipendiado animal. E como tem havido vilipêndio! O veterinário lembra de um primeiro dia de aula, no tempo em que lecionava suinocultura numa universidade catarinense. Diante da turma, perguntou se havia alguém que não apreciasse suínos. Lá no fundo da sala, um jovem levantou o dedo:

– Eu não gosto.

– Por quê? – questionou o professor.

– Porque é um bicho inútil, que não serve para nada – sentenciou.

Aquilo doeu em Hiran. Ele vê no episódio uma espécie de embrião do museu. A partir dali, decidiu mergulhar em pesquisas para demonstrar que o suíno merece todo o respeito e percebeu que sua coleção de porquinhos, mantida por hobby, precisava ser disponibilizada como uma oferenda à ilustração e à edificação da humanidade. Hoje, uma das salas do estabelecimento leva o nome do estudante que não gostava de porcos, homenagem a tão profunda fecundação. Ela é dedicada a revelar as mil e uma utilidades suínas de que nem suspeitamos.

– Todo mundo conhece salame, pernil, mortadela, mas não imagina que no dia a dia usa talvez 10 ou 12 produtos que vêm do suíno. Se tu escovas os dentes, na pasta tem gelatina de origem suína. Se acende um cigarro, o filtro é feito de células hemácias do porco. Se calçar um sapato ou usar uma bolsa, provavelmente o couro será de porco. Se pintar a casa, as cerdas do pincel serão feitas do pelo do animal. Um objetivo do museu, talvez o principal, é acabar com esse mito de que o suíno é um animal sujo, que não serve pra nada, que só transmite doenças – professora Hiran.

Nessa cruzada, ele reuniu um potente arsenal de itens, representativos das 187 utilidades que uma pesquisadora dinamarquesa elencou (“Eu adoro essa mulher”, derrama-se). A gelatina, por exemplo, é amplamente usada pela indústria como espessante e estabilizante. Está nos produtos lácteos, nos achocolatados, nas barrinhas de cereal, nos sorvetes, nas cápsulas de remédio, em toda a linha de cosméticos, na cabeça dos palitos de fósforo e no sabão em pó. Também é usada nos processos de fabricação da cerveja, do vinho e de sucos.

O acervo do museu conta ainda com uma série de medicamentos que são produzidos a partir dos animais, a começar pela insulina, passando por um anticoagulante feito da mucosa do estômago do porco e de uma droga obtida do óleo do pulmão suíno, responsável por aumentar a chance de sobrevivência de bebês muito prematuros. Há também uma válvula cardíaca suína, para lembrar que existem humanos vivendo há décadas com uma delas implantada no peito. É o porco salvando vidas.

– Eu amo esses animaizinhos. Entro no museu e sinto uma energia tão boa, tão gostosa. Se tu olhares para os porquinhos, vais ver que eles estão sempre rindo, sempre alegres, brincando. O museu é a forma que encontrei de elevar esse animal. É um animal que produz tanto para o ser humano, e que é tão injustiçado! Se as pessoas soubessem metade do que o suíno produz, não continuariam a falar mal dele. Fariam uma estátua do porco em praça pública – perora Hiran.

O veterinário almeja que o Museu do Suíno seja conhecido, visitado, comentado. Que mude a cabeça das pessoas. Sequer se importa que os R\$ 5 requisitados a título de ingresso não cubram os gastos de manutenção. Ele está obtendo certo sucesso na empreitada. Apenas no ano passado, foram mais de 1,5 mil os visitantes.

Mas Hiran também sente uma angústia. Tem sido assaltado por dúvidas e inquietudes. Ele acredita que ainda vai viver 15, 20 anos. Mas é aí que a porca torce o rabo. Depois que ele se for, quem vai dar continuidade ao seu projeto de vida? Quem vai manter o museu? Quem vai propagar o evangelho suíno? E se tudo for para a banha?

Sua esperança é um dos filhos, também veterinário. Já o sondou algumas vezes a respeito do assunto, mas ele desconversou.

Está mais interessado em galinhas.

20/05/2017 | Zero Hora | ZH Fíndi | 10

Heloisa perisse

=Comédia E Foram, Quase Felizes Para Sempre, de Heloisa Perissé. Direção: Susana Garcia. Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80), fone: (51) 3375-3700. Ingressos a R\$ 70 (galerias), R\$ 80 (mezanino), R\$ 90 (plateia alta), R\$ 110 (plateia baixa) e R\$ 130 (camarotes). Desconto de 50% para sócios do Clube do Assinante. Pontos de venda: bilheteria do Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80), das 10h às 22h; site ingressorapido.com.br; call center 4003-1212, das 9h às 21h; Rua Coberta do Campus II da Universidade Feevale, em Novo Hamburgo, das 9h às 14h; Bourbon Shopping Novo Hamburgo (Nações Unidas, 2.001), das 13h às 21h; Agência Brocker Turismo, em Gramado (Hortênsias, 1.845), das 9h às 18h30. SÁBADO, às 21h.

20/05/2017 | Zero Hora | Sua vida | 32

Cinco avenidas, 50 anos de mudanças

REPORTAGEM VISITOU pontos da Capital para conferir as transformações entre 1967 e 2017. Trânsito e segurança estão entre os pontos de contraste

Meio século é tempo suficiente para uma cidade se transformar de forma profunda. Áreas verdes são ocupadas por asfalto, casas dão lugar a prédios e bondes abrem espaço a ônibus – o que era pacato, agora é frenético.

No caso de Porto Alegre, importantes avenidas traduzem essa transformação. Mostram como a cidade não apenas cresceu – de 635 mil habitantes em 1967 para 1,4 milhão em 2017 –, mas o fez de maneira menos organizada do que em outros tempos. Uma das marcas dos últimos 50 anos é que o planejamento urbano da Capital, antes referência para outras cidades da América Latina, perdeu importância, constata Emílio Merino, conselheiro do Instituto dos Arquitetos do Brasil no Rio Grande do Sul (IAB- RS) e doutor em transporte urbano.

– Porto Alegre cresceu com grandes planos diretores. A expansão da cidade se deu através das grandes avenidas que conectam o centro histórico da Capital com bairros mais periféricos, com a construção das perimetrais, por exemplo. Esse modelo parou no tempo, os governantes foram tocando o barco mas não com tanto ânimo de planejamento quanto o que se tinha anteriormente, sem ouvir as demandas da população. Assim, começa-se a produzir uma cidade mais informal – explica o conselheiro.

COMO EM OUTRAS CIDADES, UM CRESCIMENTO DESORDENADO

Para a doutora em planejamento urbano e territorial e professora na Universidade Feevale Geisa Tamara Bugs, assim como outras grandes cidades, Porto Alegre tem crescimento desordenado:

– Apesar de ter um bom histórico de planejamento urbano, talvez a gestão tenha pecado. A cidade cresceu sem se pensar de que forma queria crescer e para onde queria crescer.

A construção dessas vias que ligam o Centro com as áreas mais distantes da cidade marca uma expansão territorial que pode ser

percebida, diariamente, a partir da grande circulação de carros e pessoas. O trânsito intenso e a insegurança são alguns dos contrastes com décadas passadas.

A reportagem de ZH passeou por cinco grandes avenidas da Capital – Ipiranga, Borges de Medeiros, Mauá, João Pessoa e Independência – e ouviu moradores de Porto Alegre para conferir mudanças ocorridas ao longo das últimas cinco décadas.

MAUÁ

Uma das vias que liga o centro de Porto Alegre à Região Metropolitana, a Avenida Mauá foi dividida por um muro em 1971. O paredão de 2.647 metros de extensão faz parte de um complexo de proteção contra as cheias da época.

Hoje, além do muro que separa a escadaria à beira do Guaíba e a avenida, a passagem do trensurb e a Estação Mercado (inaugurada em 1985) revelam uma parte do crescimento urbano. O que se manteve intacto foi o tradicional prédio do Palácio do Comércio, referência arquitetônica inaugurada em 1940, que abriga instituições como a Federação das Associações Comerciais e de Serviços do Rio Grande do Sul (Federasul) e a Junta Comercial do Estado.

JOÃO PESSOA

A via que já foi palco de desfiles militares e que guardava a pira da pátria no fim dos anos 1960, durante a ditadura, hoje faz parte do trajeto de passeatas pelas mais variadas causas. Os bondes foram aposentados no início da década de 1970, e seus trilhos, escondidos pelo asfalto. Em vez das composições elétricas, a avenida recebe cerca de 90 linhas de ônibus em seus corredores, além de ser uma das principais saídas de Porto Alegre para quem está de carro.

Para o aposentado Derli Weber, 85 anos, no quesito mobilidade urbana, o local está bem melhor do que era, mas deixa a desejar quando o assunto é segurança:

– Não tinha muito movimento nessa avenida. A gente podia ir para a Redenção, sentar e tomar um chimarrão com tranquilidade, a qualquer hora.

INDEPENDÊNCIA

No início do século 20, a Avenida Independência começou a se estabelecer como um dos lugares preferidos da burguesia para morar, segundo o Guia Histórico de Porto Alegre. Alguns antigos casarões luxuosos deram espaço a novas construções, enquanto prédios como parte do complexo da Santa Casa e o Colégio Marista Rosário se mantiveram com o passar do tempo. Cinquenta anos atrás, o então prefeito, Célio Marques Fernandes, inaugurou a obra de asfaltamento, que tiraria os paralelepípedos da Independência. Com uma extensão que vai da Praça Dom Feliciano, no Centro Histórico, até a Praça Júlio de Castilhos, próximo à Rua Ramiro Barcelos, no bairro Independência, a avenida tem circulação intensa de carros e ônibus.

IPIRANGA

Em 1967, não se via engarrafamento de carros e trânsito intenso na Avenida Ipiranga, mas longas filas em frente ao antigo Secretariado de Ação Social da Arquidiocese de Porto Alegre, hoje conhecido como Mensageiro da Caridade. Naquela época, os porto-alegrenses compravam móveis e utensílios domésticos ali por um preço mais barato do que em qualquer outro brique da cidade.

A aposentada Maria Silvério, 83 anos, comenta sobre a rotina mais pacata da Capital:

– Nossa, se a gente comparar, Porto Alegre era muito parada. Esta avenida aqui não tinha quase nada. E a gente podia andar com tranquilidade também. Hoje, tu precisas ficar com os dois olhos bem abertos e um pé atrás.

Apesar de sentir falta da calma e da segurança, Maria destaca dois pontos positivos na Ipiranga:

– Pelo menos, tem ciclovias e bastante árvores, né?

BORGES DE MEDEIROS

Diferente de seu início, junto ao Mercado Público, no Centro Histórico, o trecho da Borges de Medeiros que se conecta com a Padre Caciue não tinha nada além do prédio da Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos do Rio Grande do Sul (FDRH). À época, o local era sede do Instituto Pedagógico do Ensino Técnico. A FDRH foi fundada no início dos anos 1970, quando o instituto passou a ser uma área dentro do órgão.

Hoje, a avenida que liga o Centro à Zona Sul conta com o Parque Marinha do Brasil e o Praia de Belas Shopping – inaugurados em 1978 e 1992, respectivamente –, além de corredores de ônibus e circulação intensa de pedestres.

– É claro que antes era mais seguro, mas a população cresceu, né? Hoje, a gente tem formas diferentes de lazer, e isso é maravilhoso. Não dá para ficar presa ao passado – brinca a aposentada Ereni Correa, 77 anos, que faz questão de caminhar no Marinha em manhãs alternadas.